



# MARÉ DE DENTRO

ARTE, CULTURA E POLITICA  
NO RIO DE JANEIRO.

Com fotografias de  
Antonello Veneri  
e produção de  
Henrique Gomes

EDITADO POR  
Nicholas Barnes  
Desiree Poets  
Max Stephenson Jr.

O Complexo da Maré, localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro e com cerca de 140 mil moradores, é o maior aglomerado de favelas do Brasil. Como este livro demonstra, as 16 comunidades que compõem a Maré são vibrantes e diversas, apesar de serem frequentemente representadas de maneira pejorativa.

*Maré de Dentro: Arte, Cultura e Política no Rio de Janeiro* acompanha a exibição de mesmo nome, criada por um time internacional de acadêmicos, organizadores comunitários e artistas brasileiros e estadunidenses. Por meio de retratos de família, fotografias de rua, documentários e textos, a exibição documenta as vidas dos moradores da Maré.

Este livro apresenta uma seleção das fotografias que fazem parte do acervo da exibição, tiradas pelo fotojornalista Antonello Veneri em colaboração com Henrique Gomes, produtor cultural, morador e organizador comunitário da Maré, entre 2013 e 2019, quando o Rio de Janeiro sediou a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. As fotografias, intimistas e profundamente humanas, evidenciam a diversidade e resiliência das comunidades da Maré e expõem os entraves que seus moradores confrontam no seu dia a dia, rompendo, deste modo, com as narrativas que os estigmatizam.

Os ensaios incluídos neste volume, escritos pelos criadores, curadores e colaboradores deste projeto, contextualizam as fotografias. O texto de Andreza Jorge, moradora e pesquisadora da Maré, por exemplo, levanta uma pergunta fundamental: o que faz da *Maré de Dentro* uma exibição tão comovente para tantas pessoas de diferentes partes do mundo? Parte da resposta reside no poder da arte de nos fazer reconsiderar imaginários e estruturas dominantes e, com isso, abraçar estratégias políticas e culturais que promovam a construção de uma sociedade verdadeiramente igualitária e democrática.

Virginia Tech Institute for  
Policy and Governance em  
associação com

**VIRGINIA TECH**  
PUBLISHING

Capa Nathalie Poets

ISBN 9781949373561



9 781949 373561

90000 >



# Maré de Dentro: Arte, Cultura e Política no Rio de Janeiro



# Maré de Dentro

Arte, Cultura e Política no Rio de Janeiro, Brasil

Nicholas Barnes, Desirée Poets e Max  
Stephenson Jr. (orgs.)

Fotografias do Antonello Veneri  
e produção do Henrique Gomes

Instituto de Política e Governança  
da Virginia Tech em associação com



B L A C K S B U R G ■ V I R G I N I A

Copyright © 2021 Nicholas Barnes, Desirée Poets and Max O. Stephenson Jr.  
Individual chapters © 2021 respective authors  
Photographs by Antonello Veneri © 2021 Antonello Veneri

For more information regarding the images photographed by Antonello Veneri and produced by Henrique Gomes, contact Antonello Veneri at [antonelloveneri@hotmail.com](mailto:antonelloveneri@hotmail.com).

First published 2021 by Virginia Tech Institute of Policy and Governance in association with Virginia Tech Publishing.

Virginia Tech Institute of Policy and Governance  
201 West Roanoke St.  
Blacksburg, VA 24060

Virginia Tech Publishing  
University Libraries at Virginia Tech  
560 Drillfield Drive  
Blacksburg, VA 24061



This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, California, 94042, USA. Note to users: This work may contain components (e.g., photographs, illustrations, or quotations) not covered by the license. Every effort has been made to identify these components but ultimately it is your responsibility to independently evaluate the copyright status of any work or component part of a work you use, in light of your intended use. (For further licensing information see pp. xi-xii.)

Cataloging-in-Publication Data

Maré from the inside: art, culture and politics in Rio de Janeiro, Brazil / edited by Nicholas Barnes, Desirée Poets, and Max O. Stephenson Jr; with photographs by Antonello Veneri; with a foreword by James N. Green.

Includes bibliographical references.

ISBN: 978-1-949373-54-7 (paperback - English Edition)  
ISBN: 978-1-949373-55-4 (PDF - English Edition)  
ISBN: 978-1-949373-56-1 (paperback - Portuguese Edition)  
ISBN: 978-1-949373-57-8 (PDF - Portuguese Edition)

DOI: <https://doi.org/10.21061/mare-port>

1. PHOTOGRAPHY / Collections, Catalogs, Exhibitions / Group Shows. 2. PHOTOGRAPHY / Photojournalism. 3. SOCIAL SCIENCE / Social Classes & Economic Disparity. 4. SOCIAL SCIENCE / Sociology / Urban. 5. POLITICAL SCIENCE / World / Caribbean & Latin American.

I. Barnes, Nicholas. II. Poets, Desirée. III. Stephenson, Max O. Jr. IV. Veneri, Antonello.

Para os Moradores da Maré





# SUMÁRIO

Sobre os editores	ix
Sobre os contribuidores	xi
Índice de ilustrações	xiii
Prefácio	xvii
<i>James N. Green</i>	
<i>Tradução: Beatriz Ribeiro Araujo</i>	
Agradecimentos	xxi
Introdução: A produção da <i>Maré de Dentro</i>	1
<i>Nicholas Barnes e Peter Klein</i>	
Capítulo 1: Uma breve história das favelas do Rio de Janeiro e do Complexo da Maré	9
<i>Nicholas Barnes</i>	
Capítulo 2: Segurança pública e policiamento no Rio de Janeiro e no Complexo da Maré	19
<i>Nicholas Barnes e Stephanie Savell</i>	
Capítulo 3: Os retratos de <i>Maré de Dentro</i> e sua produção	29
<i>Henrique Gomes</i>	
Capítulo 4: O poder artístico da exibição <i>Maré de Dentro</i>	37
<i>Andreza Jorge e Desirée Poets</i>	
Capítulo 5: Família e afeto na exibição <i>Maré de Dentro</i>	45
<i>Molly F. Todd</i>	

Capítulo 6: A construção da verdade, do sentido e de novas possibilidades <i>Max O. Stephenson Jr.</i>	<b>51</b>
Conclusão: Sobre a luta pela liberdade e dignidade <i>Max O. Stephenson Jr.</i>	<b>59</b>
Posfácio	<b>65</b>
Referências	<b>67</b>

# SOBRE OS EDITORES

**Nicholas Barnes** é professor da Universidade de St. Andrews, na Escócia. Também foi professor visitante de Ciência Política no Grinnell College e estudante de pós-doutorado no Instituto Watson de Relações Públicas e Internacionais da Universidade Brown. Conduziu pesquisa de campo em favelas do Rio de Janeiro durante três anos e morou na Maré por 18 meses entre 2013 e 2015. Seu primeiro livro analisa o poder local de grupos armados nas favelas do Rio e tem trabalhos publicados na *Perspectives on Politics*, *Current Sociology*, *Latin American Research Review*, and the *Oxford Research Encyclopedia of Criminology and Criminal Justice*.

**Desirée Poets** é professora de Teorias Pós-Coloniais do Departamento de Ciência Política e do programa de doutorado “Alliance for Social, Political, Ethical and Cultural Thought” (ASPECT) da Virginia Tech. Nascida e criada no Rio de Janeiro, vem trabalhando com movimentos indígenas, de favela e quilombolas urbanos na Região Sudeste do Brasil desde 2013. Dedicar-se a trabalhar, entre outras temáticas, metodologias feministas, colaborativas e críticas, colonialismo, militarização, museologia social, questões étnico-raciais e racismo. Sua pesquisa está publicada no *Bulletin of Latin American Research*, *Settler Colonial Studies*, *Citizenship Studies*, *Critical Military Studies*, e *Routledge Handbook of Postcolonial Politics*, entre outros.

**Max O. Stephenson Jr.** é professor titular de Relações Públicas e Internacionais e diretor do Institute for Policy and Governance da Virginia Tech. Sua pesquisa atual tem se concentrado em governação colaborativa e democrática, no papel das artes em processos de mudança comunitária, e em ONGs e desenvolvimento internacional, construção da paz e ajuda humanitária. Ele é autor e organizador de diversos livros, de mais de 70 artigos acadêmicos e capítulos em coletâneas e de 350 comentários sobre democracia e democratização.



# SOBRE OS CONTRIBUIDORES

**Henrique Gomes** é ativista, produtor cultural e morador do Complexo da Maré. Coordena o “Maré que Queremos”, projeto que reúne lideranças de favela com o objetivo de melhorar as condições de vida na favela, o Espaço Normal, espaço de refúgio para usuários de drogas e moradores de rua, e o eixo de Desenvolvimento Territorial da ONG Redes de Desenvolvimento da Maré (*Redes da Maré*).

**James N. Green** é professor titular de História da América Latina e ocupa a cadeira em homenagem a Carlos Manuel de Céspedes na Universidade Brown. É autor e coorganizador de onze livros sobre a história do Brasil no século XX.

**Andreza Jorge** é feminista negra, mãe, acadêmica e moradora do Complexo da Maré. Trabalhou em diversos projetos sociais com foco em identidade racial, de gênero e sexual. Atua como professora do Departamento de Arte Corporal e pesquisadora do programa de pós-graduação em Artes da Cena da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

**Peter Klein** é professor de Sociologia e Estudos Ambientais e Urbanos no Bard College, onde desenvolve pesquisas nas áreas de participação social, ação coletiva e mudanças urbanas e ambientais. Já morou e realizou trabalho de campo em todo o Brasil, incluindo no Rio de Janeiro e na Amazônia. Além de publicar vários artigos, é autor de *Flooded: Development, Democracy, and Brazil's Belo Monte Dam* (sob contrato com a Rutgers University Press) e coautor de *The Civic Imagination: Making a Difference in American Political Life* (Routledge, 2014).

**Stephanie Savell** é antropóloga e pesquisadora associada sênior do Instituto Watson de Relações Públicas e Internacionais da Universidade Brown, onde é codiretora do projeto Costs of War. Pesquisa as guerras pós-11 de setembro dos Estados Unidos e policiamento e ativismo nas favelas do Rio de Janeiro, onde conduz extensa pesquisa de campo desde 2008. Seu trabalho está publicado em diversas revistas acadêmicas, tais como a *PoLAR: Political and Legal Anthropology Review*, a *Focaal: Journal of Global and Historical Anthropology* e a *Smithsonian*, entre outras. Também é coautora de *The Civic Imagination: Making a Difference in American Political Life* (Routledge, 2014).

**Nadia Sussman** é videojornalista da *ProPublica*. Morou no Brasil entre 2013 e 2017, onde produziu filmes para *The New York Times*, *BBC* e *The Wall Street Journal*.

**Molly Todd** é estudante de doutorado do programa interdisciplinar ASPECT na Virginia Tech. Atualmente, pesquisa as artes fronteiriças na América do Sul e do Norte como espaços contra-hegemônicos e de produção de conhecimento.

**Antonello Veneri** é fotojornalista e, originalmente da Itália, vive e trabalha no Brasil desde 2009. Seus trabalhos fotográficos e artigos estão publicados em jornais e revistas nacionais e internacionais. Foi vencedor do prêmio de “Best Feature” pela *National Geographic* em 2014.

# ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Salvo indicação em contrário, todas as imagens deste livro foram fotografadas por Antonello Veneri e produzidas por Henrique Gomes da Silva. Os mapas foram criados por meio do software ArcGIS® da Esri. ArcGIS® e ArcMap™ são propriedade intelectual da Esri e são usados aqui sob licença. Copyright © Esri. Todos os direitos reservados. Para obter mais informações sobre o software Esri®, visite [www.esri.com](http://www.esri.com).

- 1 Produção das fotografias no *iolabs* em Providence, Rhode Island, 2019.
- 2 *Maré de Dentro* em exibição no Centro Bertelsmann Campus, Bard College, 2019.
- 3 Painel sobre a *Maré de Dentro* no Centro Bertelsmann Campus, Bard College, 2019.
- 4 *Maré de Dentro* é montada no Watson Institute for International and Public Affairs, Universidade Brown, 2019.
- 5 *Maré de Dentro* em exibição na Biblioteca Burling, Grinnell College, 2020.
- 6 Os colaboradores da *Maré de Dentro* em entrevista para o podcast “Trustees Without Borders” do VTIPG Community Change Collaborative, Virginia Tech, 2020.
- 7 Mapa das favelas do Rio de Janeiro (2020).
- 8 Zoneamento da cidade do Rio de Janeiro (2020).
- 9 Mapa do Complexo da Maré (2020).
- 10 As palafitas da Baixa do Sapateiro, 1969.
- 11 Fotografia aérea da Maré, 1979.
- 12 As primeiras casas da Vila do João, 1981.
- 13 Construção de nova parte da Nova Holanda, Complexo da Maré, 1991.
- 14 Construção de nova parte da Nova Holanda, Complexo da Maré, 1991.
- 15 Construção de nova parte da Nova Holanda, Complexo da Maré, 1991.
- 16 Moradores em frente às suas casas. Baixa do Sapateiro, Complexo da Maré, 1981.
- 17 Moradores e soldados assistem a um jogo do Brasil da Copa do Mundo durante a ocupação militar da Maré. Nova Holanda, Complexo da Maré, 2014.
- 18 Soldado se esconde atrás de carro durante operação militar. Parque Rubens Vaz, Complexo da Maré, 2014.
- 19 Militares patrulham de madrugada uma via principal da Maré. Nova Holanda, Complexo da Maré, 2014.

- 20 Cartuchos de balas disparadas por soldados e recuperados por um morador. Parque Rubens Vaz, Complexo da Maré, 2014.
- 21 Dona Jurema e sua família. Nova Holanda, Complexo da Maré, 2013.
- 22 Dona Tânia Gonçalves e Luiz Carlos. Morro de Timbau, Complexo da Maré, 2014.
- 23 Dona Tânia Gonçalves e Luiz Carlos. Morro de Timbau, Complexo da Maré, 2016.
- 24 Senhor Antônio. Parque Maré, Complexo do Maré, 2013.
- 25 Paulo Victor e Matheus Affonso. Nova Holanda, Complexo da Maré, 2018.
- 26 Eliane Antunes, Herbet Oliveira dos Santos e Oliveira dos Santos. Cachorro: Pipoca. Nova Holanda, Complexo da Maré, 2014.
- 27 Kelly Santos e Gael Aguiar. Nova Holanda, Complexo da Maré, 2018.
- 28 Vera Marcelino. Parque Maré, Complexo da Maré, 2013.
- 29 Andreza Jorge e Alice Odara. Nova Holanda, Complexo da Maré, 2016.
- 30 Sofia Felicidade e Dona Maria. Parque Maré, Complexo da Maré, 2016.
- 31 Nelson Teixeira com cachorro. Parque Maré, Complexo da Maré, 2016.
- 32 Duas mulheres durante um jogo do Brasil da Copa do Mundo. Nova Holanda, Complexo da Maré, 2014.
- 33 Após tempestade, crianças brincam em árvore caída. Nova Holanda, Complexo da Maré, 2016.
- 34 Moradores observam as ações das Forças Armadas do Brasil durante a ocupação. Parque Rubens Vaz, Complexo da Maré, 2014.
- 35 Mulher cuidando da filha de um vizinho. Parque Maré, Complexo da Maré, 2016.







# PREFÁCIO

JAMES N. GREEN

TRADUÇÃO: BEATRIZ RIBEIRO ARAÚJO

No final dos anos 50, enquanto o presidente Juscelino Kubitschek comemorava a construção de Brasília, que substituiu o Rio de Janeiro como a nova capital do país, o longa-metragem franco-italo-brasileiro *Orfeu Negro* (1958) conquistou a imaginação do público internacional. Filmado em preto e branco com primor pelo diretor francês Marcel Camus, com um elenco formado apenas por atores negros e ambientado nas favelas do Rio de Janeiro durante o carnaval, o filme reconta a história de amor grega de Orfeu e Eurídice. Em uma das primeiras cenas do filme, durante os preparativos para as festas de pré-quaresma, mulheres negras carregavam habilmente latas de água na cabeça enquanto subiam as ladeiras íngremes dos morros de seus bairros, transmitindo uma atitude despreocupada e feliz para com suas vidas em meio à pobreza de seus arredores.

A trilha sonora do filme começa com o clássico da bossa nova de Antônio Carlos Jobim, *Felicidade*, com letra de Vinícius de Moraes, que declara: “Tristeza não tem fim. Felicidade sim”. Embora o filme tenha o

final catastrófico de uma tragédia grega, os cineastas estrangeiros se maravilharam com os cenários gloriosos do Rio, visto do alto dos morros de granito onde os humildes residentes da cidade moravam. Sem dúvida, a maneira alegre que o roteiro e o elenco abordam a vida, mesmo quando a tristeza nunca termina, desempenhou papel importante afim de garantir a aclamação internacional do filme. Assim sendo, *Orfeu Negro* ganhou um Globo de Ouro e um Oscar de melhor filme estrangeiro em 1960 e tornou-se o cartão-postal cinematográfico do Rio de Janeiro, o que, sem dúvida, atraiu turistas de todo o mundo por anos e anos.

Quatro décadas depois, o filme de Fernando Meirelles e Kátia Lund, *Cidade de Deus* (2002), ofereceu um contraste gritante a esse retrato romantizado dos bairros pobres do Rio. Vagamente baseado no romance de mesmo nome de Paulo Lins, de 1997, o filme narra o desenvolvimento do crime organizado entre os anos de 1960 e 1980 no conjunto habitacional Cidade de Deus, construído na Zone Oeste do Rio de Janeiro para abrigar

moradores removidos das favelas com vista para as praias icônicas do Rio, assim como aquele conjunto retratado no filme *Orfeu Negro*. Ironicamente, a construção do projeto habitacional começou no mesmo ano em que *Orfeu Negro* ganhou prêmios internacionais. Indicado para quatro Oscars, apesar de não ter recebido indicação para Melhor Filme Estrangeiro, muitos críticos consideram *Cidade de Deus* um dos melhores filmes brasileiros do século XX.

Os dois filmes, no entanto, são drasticamente diferentes, já que *Cidade de Deus* substituiu o senso de coletividade e as interações sociais positivas retratadas em *Orfeu Negro* com violência e assassinatos cometidos por traficantes de drogas que aterrorizam os residentes da comunidade em meio a confrontos por território com gangues rivais e com a polícia. Infelizmente, essa é a imagem dos bairros de baixa renda do Rio em todo o mundo até hoje. A exposição *Maré de Dentro* desafia esses retratos unidimensionais das comunidades pobres da cidade. Sendo assim, este livro e a exposição em que se baseia são um “corretivo” importante para a forma como as favelas do Rio são vistas ou imaginadas por pessoas dentro e fora do Brasil.

O poder deste livro é a simplicidade e a sensibilidade das escolhas feitas por seus criadores a fim de representar a Maré, e o

fazem por meio de uma série de retratos cativantes de seus residentes em suas casas e afins. Mais do que perigo e violência, as imagens transmitem domesticidade e humanidade. As paredes de cores vivas e os tapetes e móveis meticulosamente dispostos revelam que os residentes têm orgulho de suas casas e ficam à vontade nas interações cotidianas com a família, amigos e vizinhos. Não há representações romantizadas de moradores despreocupados, como no filme de 1958 de Camus, da mesma maneira que a violência das gangues e milícias e a repressão policial, embora às vezes presentes, não são o foco principal desta obra.

Além disso, este livro reflete o compromisso de seus criadores com as colaborações horizontais entre acadêmicos dos EUA, um fotógrafo italiano e pesquisadores, ativistas e residentes da Maré. Como construir esse projeto de maneira que não continue a reproduzir as relações de poder desiguais entre Norte e Sul, brancos e negros, abastados e desprovidos? Embora seja impossível minar completamente os mecanismos que geram o voyeurismo em relação ao Outro, é evidente que esses autores e colaboradores pensaram uma forma de produção de conhecimento que respeitasse os moradores da Maré e, ao mesmo tempo, colocasse um público mais amplo em contato com uma realidade que desafia os estereótipos que a maioria dos

brasileiros e outros têm de moradores de favelas. A relação próxima que Henrique Gomes, ativista da Maré e um dos cocriadores da mostra, mantém com os moradores, cujas imagens estão registradas nas fotografias deste livro, foi claramente a base sobre a qual este projeto foi construído. A confiança e o espírito colaborativo advindos de ambas as partes permitiram uma proximidade e franqueza nos retratos que seriam impossíveis de capturar de outra forma.

Tive o prazer de ver a exposição na Universidade Brown. Meus dois retratos favoritos eram de um casal sentado no sofá em uma sala estreita. Na primeira imagem (veja a Figura 23), um conjunto de gabinetes e prateleiras brancos alinham-se a uma parede com uma televisão de tubo e um rádio toca fita no topo, espremidos em uma sala pintada de um verde opaco. A segunda fotografia do mesmo casal no mesmo sofá (veja Figura 24) revelou que uma grande cópia da fotografia original havia substituído a peça de mobiliário pesado. Uma tinta rosa brilhante cobre as paredes da sala nesta fotografia, dando ao espaço um ar alegre. A vida continua. A grande fotografia na parede documenta um momento fugaz no passado do casal. No entanto, há uma sensação de continuidade na maneira que a sala é ocupada. A foto dentro da foto provocou uma resposta empática de minha parte, pois imaginei como o casal deve

ter ficado satisfeito ao receber aquele retrato. Ainda assim, não se pode ignorar a realidade de que qualquer espectador desta imagem acaba olhando voyeuristicamente para as pessoas que observa, apesar das boas intenções dos organizadores da mostra de quebrar a distinção entre quem está observando e quem está sendo observado.

Esse dilema torna-se, por fim, uma das mais poderosas qualidades da *Maré de Dentro*, que vai muito além dos retratos planos, embora pitorescos, das favelas do Rio em *Orfeu Negro* e da violência e caos em *Cidade de Deus*. O estrangeiro que visita esta exposição não tem capacidade real de viver e experimentar a Maré ou qualquer outra favela. Eles não podem simplesmente se desfazer de seu privilégio ao olhar para essas fotos. No entanto, este livro e a exposição que ele complementa fornecem a oportunidade de considerar, refletir e desenvolver empatia, o que pode ser uma poderosa ferramenta emocional e intelectual para reimaginar o que é, o que poderia ser e o que deveria ser a vida para os residentes desta comunidade. Nenhum esforço acadêmico ou artístico pode derrubar os legados da escravidão, exploração e marginalização dos moradores, em sua maioria afrodescendentes, das favelas do Rio de Janeiro. Tampouco se pode esperar que seja fácil derrubar imagens estereotipadas dos pobres e da classe trabalhadora que, há muito,

tornaram exótica ou descupável a pobreza e a desigualdade socioeconômica. Este trabalho, no entanto, é um ato de respeito e uma alternativa ao entendimento do que significa viver e sobreviver nas favelas do Rio com dignidade e humanidade.

1 de fevereiro de 2021  
Providence, Rhode Island

# AGRADECIMENTOS

O livro e a exposição *Maré de Dentro* devem sua existência à generosidade e ao apoio dos moradores do Complexo da Maré, que seguem inspirando todos os artistas, ativistas e pesquisadores que colaboram com este projeto. Portanto, agradecemos, primeiramente, a todos os residentes, dos primeiros aos mais recentes, migrantes e imigrantes que construíram o bairro que hoje conhecemos como a Maré.

Embora seja impossível citar todos por nome aqui, queremos também reconhecer os amigos, familiares, colegas e organizações que ajudaram a fomentar os laços de amizade e apoio por trás desta exposição e livro. Em especial, gostaríamos de agradecer a todas as famílias da Maré que aceitaram juntar-se ao projeto *Interiores da Maré* com Henrique Gomes e Antonello Veneri e que abriram suas casas e receberam os dois com tanto carinho e acolhimento. São elas que nos inspiram a seguir ouvindo, aprendendo e construindo novos saberes.

Queremos também agradecer à Eliana Sousa Silva e a toda a comunidade da *Redes da Maré* pelo apoio e incentivo a vários dos nossos colaboradores. Um agradecimento especial para Francisco Valdean e o *Museu*

*da Imagem Itinerante da Maré* (MIIM). Agradecemos igualmente à equipe do *Arquivo Dona Orosina Vieira no Museu da Maré - Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré* (Ceasm), e especialmente à Claudia Rose Ribeiro da Silva, pelo acesso ao arquivo e pela autorização de uso de imagens históricas da Maré.

A ideia de exibir as fotografias incríveis criadas por Antonello Veneri e Henrique Gomes para públicos além da Maré cristalizou-se pela primeira vez na Universidade Brown, onde Nicholas Barnes era pós-doutorando no Watson Institute for International and Public Affairs. Desde o início, Steven Bloomfield, Diretor Associado do Watson Institute, incentivou a exibição e o *Art at Watson Fund* providenciou apoio financeiro e logístico imprescindível para a realização do projeto. A exibição *Maré de Dentro* também recebeu um financiamento generoso de Dr. James N. Green e da “Brazil Initiative”, do Center for Latin American and Caribbean Studies, do Swearer Center, do Cogut Institute for the Humanities, do Center for the Study of Race and Ethnicity in America, e do Pembroke Center for Teaching and Research on Women na Brown

University. Agradecemos ainda à Emma Sampson da *iolabs* em East Providence, Rhode Island, cujo cuidado e atenção com o acervo da exibição resultou em fotografias de alta qualidade. Gostaríamos também de agradecer à Sarah Baldwin e ao Carl Smith pela ajuda na preparação de vários materiais, inclusive fotográficos, da *Maré de Dentro*.

A produção inicial das fotografias e os primeiros eventos da *Maré de Dentro* foram fruto da assistência de diversos programas, centros e indivíduos em Bard College. Em Bard, agradecemos ao Office of Inclusive Excellence, ao Center for Civic Engagement e ao Center for the Study of Hate. Somos igualmente gratos aos Programas de Estudos Ambientais e Urbanos, Estudos Globais e Internacionais, Direitos Humanos, Antropologia, História da Arte, Fotografia e Estudos Políticos e à Concentração de Estudos Latinos e Ibéricos. O entusiasmo que esses centros acadêmicos expressaram pelo nosso trabalho e o apoio financeiro que forneceram foram indispensáveis para a realização do projeto. Registramos aqui nossa gratidão, especialmente, ao Programa de Sociologia, cujas contribuições não só apoiaram a *Maré de Dentro*, mas também permitiram a aquisição de fotos adicionais para que parte da exposição pudesse permanecer em Bard. Somos gratos também à Melissa Germano, que organizou toda a logística dos eventos que acompanharam a exibição.

Em Grinnell College, agradecemos ao Departamento de Ciência Política (especialmente Gemma Sala, Barb Trish e Barry Driscoll), ao Center for the Humanities, o Rosenfield e Chrystal Funds, bem como à Kathryn Patch e Shuchi Kapila no Institute for Global Engagement. Uma nota especial de agradecimento vai para Lynn Stafford, que ajudou com a organização das viagens dos participantes e dos eventos em Grinnell. A exibição da *Maré de Dentro* na biblioteca Burling também não teria sido possível sem o apoio e competência de Lesley C. Wright, Tilly Woodward e Milton Severe do Grinnell College Museum of Art.

A competência, colaboração e generosidade dos nossos colegas na Virginia Tech foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Queremos explicitamente agradecer ao Institute for Policy and Governance e ao seu núcleo de investigação Community Change Collaborative, que continua a ser tão importante na concepção e realização desta pesquisa. Agradecemos também ao Departamento de Ciência Política (e especialmente à Kim Hedge), ao Virginia Tech Center for Humanities e ao College of Liberal Arts and Human Sciences (com menção especial para o International Initiatives Small Grant) pelo apoio logístico, administrativo e financeiro. Ademais, somos gratos à Beatriz Ribeiro Araújo pela tradução do prefácio



deste livro e de outras atividades do projeto. A *Maré de Dentro* não viria para a Virginia Tech se não fosse pela capacidade, entusiasmo e flexibilidade de Scott Fralin nas Bibliotecas da Universidade, que tem nos guiado no processo de criação da exibição virtual da *Maré de Dentro*. Este livro, por sua vez, não existiria se não fosse pelo financiamento generoso concedido pelo Center for Peace Studies and Violence Prevention. E certamente não poderíamos deixar de mencionar a nossa editora, Virginia Tech Publishing. Agradecemos à sua equipe, Peter Potter (Diretor) e Robert Browder (Especialista em Publicação), pela confiança depositada nosso

trabalho. O design e layout não-convencionais deste volume só foram possíveis graças à Dra. Luysyena Kirakosyan, que também ajudou com as traduções do inglês para o português dos capítulos 1 e 6, e cuja parceria, portanto, foi realmente essencial para nós. Por fim, a capa deste livro é criação de Nathalie Poets, a quem agradecemos pelo tempo, generosidade e criatividade.

Nicholas Barnes, Desirée Poets,  
Max Stephenson, Jr.  
4 de janeiro de 2021



# INTRODUÇÃO

## A PRODUÇÃO DA MARÉ DE DENTRO

NICHOLAS BARNES E PETER KLEIN

*Maré de Dentro* é uma exposição interativa que surge da colaboração entre artistas, ativistas e acadêmicos brasileiros e norte-americanos. Seu foco é a vida dos moradores da Maré, um complexo de 16 favelas na Zona Norte do Rio de Janeiro, localizado a uma curta distância do aeroporto internacional do Rio e entre as três principais rodovias da cidade: a Avenida Brasil, a Linha Vermelha e a Linha Amarela. Com cerca de 140.000 moradores, a Maré é o maior complexo de favelas do Brasil. Ela tem, também, uma das maiores densidades demográficas de todas as Américas, espalhando-se por apenas 5 km<sup>2</sup> de extensão. Nela se encontram diferentes povos afrodescendentes, migrantes nordestinos e inúmeros grupos étnicos e religiosos, assim como imigrantes de mais de 15 países.

A Maré é um bairro vibrante e diverso, local de variadas formas de produção cultural e artística e de poderosos movimentos sociais. Os bairros da Maré também sempre exerceram

um papel importante na política nacional, sendo internacionalmente reconhecidos como lugar onde Marielle Franco, a amada vereadora carioca tragicamente assassinada em março de 2018, viveu.

A Maré é tudo isso apesar da negligência do Estado, que reproduz a desigualdade e a precariedade dos serviços básicos e de infraestrutura, e que propicia a repressão e violência policial praticadas contra a comunidade desde sua formação, no início do século XX. Todavia, essa marginalização e discriminação sistêmica não é inerente às favelas, ao contrário, a Maré deve ser definida pelo seu dinamismo, resiliência e permanência.

*Por que Maré de Dentro?*

A exposição apresenta os moradores e a vida em uma favela de forma raramente vista ou reconhecida, tanto no Brasil quanto no

mundo afora. Ao evidenciar a diversidade e a criatividade dessas comunidades e expor os desafios que seus moradores enfrentam no dia a dia, as imagens que compõem a exibição contestam as narrativas violentas e estigmatizantes sobre as favelas. Deste modo, a *Maré de Dentro* nos faz reconhecer a necessidade de repensar as estruturas sociais e nos provoca a criar novas estratégias políticas e culturais capazes de romper com a reprodução da exclusão e da marginalização das comunidades de favela.

A *Maré de Dentro* surge da coletividade. Sendo assim, ela exemplifica um esforço contínuo entre os colaboradores para desenvolver relações mais horizontais entre as comunidades de favela no Rio e as instituições e comunidades acadêmicas no Norte global. Em última análise, consideramos que projetos como este são imprescindíveis, porém insuficientes por si só para a descolonização e democratização das sociedades e das instituições acadêmicas.

### *Quem são os criadores da Maré de Dentro?*

Artistas, pesquisadores, acadêmicos, ativistas, professores, organizadores, jornalistas. A *Maré de Dentro* foi fruto de uma série de relações profissionais e pessoais entre pessoas com identidades, origens e perspectivas muito diferentes. Henrique Gomes e Andreza Jorge são moradores da Maré. Ambos são ativistas

negros com anos de experiência e de trabalho em várias organizações não-governamentais e com trajetórias de compromisso social com o território. Stephanie Savell, Nicholas Barnes e Peter Klein são pesquisadores localizados nos Estados Unidos e na Escócia que se dedicam a trabalhar questões ligadas à segurança pública, ao desenvolvimento e à desigualdade urbana no Brasil. O grupo se conheceu em 2008, após os caminhos de Andreza e Stephanie terem se cruzado por acaso no Rio de Janeiro.

Em 2012, Stephanie e Nicholas, ainda estudantes de doutorado, realizavam suas pesquisas de campo na Maré e em favelas vizinhas, quando conheceram Henrique, que, por conta de sua atuação como produtor cultural, havia acumulado um conhecimento local realmente incrível. Sendo assim, a orientação de Henrique logo se tornou indispensável para que o trabalho dos pesquisadores de fora se desenvolvesse de maneira ética, segura e cuidadosa. Dessa forma, à medida que o relacionamento entre eles se aprofundava, os projetos de pesquisa de Stephanie e Nicholas também evoluíam. Ambos se tornaram mais críticos à produção acadêmica sobre as favelas e buscaram colaborações mais profundas com os moradores da Maré. Essas pesquisas realizadas conjuntamente e a amizade que desenvolveram nesse período eventualmente dariam origem à exibição *Maré de Dentro*.

Desde então, Henrique orientou dezenas de pesquisadores e jornalistas que buscavam desenvolver trabalhos na favela, e seu envolvimento não apenas aprofundou cada um desses projetos, mas, na maioria dos casos, eles teriam sido efetivamente inviáveis sem seu apoio. Antonello Veneri, um fotojornalista italiano que vive e trabalha no Brasil desde 2011, foi justamente uma dessas pessoas com quem Henrique trabalhou. Em 2013, enquanto desenvolvia um projeto fotográfico de longo prazo, ele e Henrique começaram a colaborar. A ideia inicial era criar retratos de família dos moradores da Maré dentro de suas casas, com o objetivo de mostrar ao público externo, inclusive internacional, um aspecto da vida na favela ao qual eles raramente tinham acesso. Outro objetivo era recuperar a antiga tradição do retrato de família. Durante dois anos, Henrique e Antonello trabalharam com mais de 30 famílias, visando criar fotografias intimistas e fiéis à sua realidade. Como resultado, os retratos as apresentam de forma respeitosa e capturam as características humanas de uma comunidade marcada pela diversidade.

A maioria dos retratos de família foi tirada durante um período especialmente turbulento da história da Maré. Em abril de 2014, pouco antes do início da Copa do Mundo (conforme descrevemos no Capítulo 2), a Maré foi ocupada por 2.500 soldados

como parte do programa de segurança pública de “pacificação” — as UPPs, que visavam retomar o controle das favelas sob o domínio das milícias e facções. Durante essa época, Nicholas estava conduzindo sua pesquisa etnográfica nas comunidades do bairro e pôde acompanhar e participar do trabalho de Antonello e Henrique, que se estendeu por toda a Maré. Circulando por todos os cantos das 16 favelas, eles também tiveram a oportunidade de capturar fotografias de rua que documentam o dia a dia das comunidades, a realidade da invasão militar e as pressões que a Maré sofreu durante esse período difícil. Os dois conjuntos de fotos — as de dentro e as de fora das casas dos moradores da Maré — oferecem perspectivas complementares sobre a vida e a identidade na favela.

Nessa mesma época, Henrique trabalhou com Nadia Sussman, uma vídeojornalista americana que morou no Brasil entre 2013 e 2017. Nadia e Henrique, junto com vários outros artistas locais, produziram três curtas-metragens documentais que fazem parte da exibição: *Occupação*,<sup>1</sup> *Girl's Life* (“A vida de uma menina”),<sup>2</sup> e *Headbanging in the House of God* (“Headbanging na casa de Deus”).<sup>3</sup> Assim como as fotografias, os documentários retratam o cotidiano da Maré, refletindo sobre raça, religião e violência. A exibição inclui também ensaios e textos de Andreza, Stephanie e Nicholas.

### *Como evoluiu esse projeto colaborativo?*

A ideia de criar a *Maré de Dentro* ganhou vida assim que a maior parte das pesquisas supracitadas tinham sido concluídas, as fotos tiradas e os vídeos produzidos. O próximo passo foi então a arrecadação de recursos para imprimir em alta qualidade uma seleção das fotos, que poderiam ser exibidas em diferentes universidades (veja Figura 1). Em cada instituição, no Bard College, na Universidade Brown e no Grinnell College, uma série de eventos com os colaboradores dos EUA e do Brasil acompanhou ou a abertura ou o fechamento da exposição.

A exibição foi aberta ao público pela primeira vez no dia 31 de janeiro de 2019, no centro Bertelsmann do Bard College



**1. Produção das fotografias no iolabs em Providence, Rhode Island, 2019. Foto por Nicholas Barnes.**

(veja Figura 2), onde centenas de estudantes tiveram a oportunidade de interagir com os colaboradores por meio de apresentações públicas, painéis e workshops (veja Figura 3). A *Maré de Dentro* então seguiu viagem para o Instituto Watson da Universidade Brown, onde a equipe mais uma vez se encontrou e compartilhou suas experiências e perspectivas, não apenas com alunos e funcionários da universidade, mas também com outros moradores da cidade de Providence, onde fica a Brown (veja Figura 4). O último local de exibição da *Maré de Dentro* foi a Biblioteca Burling do Grinnell College entre novembro de 2019 e fevereiro de 2020 (veja Figura 5). Nas três instituições, o grupo ministrou aulas sobre política e história latino-americana, planejamento e desenvolvimento urbano,



**2. *Maré de Dentro* em exibição no Centro Bertelsmann Campus, Bard College, 2019. Foto por Nicholas Barnes.**





3. Painel sobre a *Maré de Dentro* no Centro Bertelsmann Campus, Bard College, 2019. Fotografados (da esquerda) são Klein, Gomes, Jorge, Veneri e Savell. Foto por Nicholas Barnes.



5. *Maré de Dentro* em exibição na Biblioteca Burling, Grinnell College, 2020. Foto por Nicholas Barnes.



4. *Maré de Dentro* é montada no Watson Institute for International and Public Affairs, Universidade Brown, 2019. Fotografados (da esquerda) são Gomes, Veneri, Carl Smith e Sarah Baldwin. Foto por Nicholas Barnes.



6. Os colaboradores da *Maré de Dentro* em entrevista para o podcast "Trustees Without Borders" do VTIPG Community Change Collaborative, Virginia Tech, 2020. Foto por Desirée Poets.

colonialismo, raça e artes, e conversou com estudantes interessados em segurança pública e economia informal. Os colaboradores também almoçaram e jantaram com estudantes, reuniram-se com professores e participaram de outros eventos.

Nos eventos, Stephanie, Nicholas e Peter compartilharam alguns resultados de suas pesquisas, mas atuaram principalmente como intérpretes para Andreza e Henrique. Por meio da interpretação consecutiva, Andreza e Henrique falavam algumas frases em português, que eram então traduzidas para o inglês. Esse método de tradução provou-se eficaz e comovente, permitindo ao público acesso mais direto não só às palavras, mas também às emoções e intenções de duas pessoas de dentro da Maré. Para o público, foram muitas as oportunidades de reflexão, como quando Henrique comentou: “Estou nos Estados Unidos há 21 dias e isso significa que foram 21 dias sem ouvir tiros”, ou quando Andreza afirmou que “é importante reconhecer que este projeto não se trata apenas de dar voz às comunidades, porque todos têm voz. Este projeto é uma oportunidade para ouvi-las. Devemos abrir espaços e caminhos para que as favelas sejam realmente ouvidas”.

Em 2020, Henrique e Andreza também visitaram a Virginia Tech, onde participaram de diversas reuniões de pesquisa, de uma entrevista de podcast e de uma mesa redonda

sobre “A Appalachia e o Rio de Janeiro em Diálogo: Artes, Saúde Pública e Organização Comunitária” (veja Figura 6). A visita aconteceu a convite de Desirée Poets, que havia conhecido Henrique em 2019 enquanto realizava trabalho de campo na Maré, e com apoio e colaboração de Max Stephenson Jr. e do grupo “Community Change Collaborative” do Institute for Policy and Governance da Virginia Tech. Foi então que surgiu a ideia de levar a *Maré de Dentro* para a Virginia Tech. Sua próxima parada será, portanto, a Biblioteca Newman, cujo time, respondendo às restrições sob as quais vivemos no contexto da pandemia de COVID-19, também lançará uma versão digital da exposição. O volume que o leitor tem em mãos faz parte desses desdobramentos mais recentes. Ele é prova de que, à medida que a exposição viajou para novos locais, foi assumindo novas formas, aprofundando e expandindo os laços colaborativos que a formaram inicialmente e, sobretudo, foi conectando a Maré a novos territórios, comunidades e indivíduos.

Por fim, observamos que a *Maré de Dentro* comunica sua história de maneira diferenciada, pois cada elemento do projeto — as fotografias, os filmes, textos, eventos e, agora, este livro — visam deslocar a forma como normalmente se comunica e se compartilha conhecimento, principalmente dentro da academia. Apresenta-se, assim, as



vozes daqueles que sempre tiveram voz como sujeitos(as) de suas próprias histórias, mas que, muitas vezes, continuam sendo tratados como objeto de estudo e, na pior das hipóteses, como alvo de desprezo e discriminação.

### *Como o livro está organizado?*

Este livro está dividido em duas partes. A primeira narra a história do Complexo da Maré com o objetivo de contextualizar a exposição. No capítulo 1, Nicholas Barnes traça a trajetória histórica das favelas do Rio de Janeiro e da Maré, descrevendo suas origens e desenvolvimento. O capítulo 2, de Nicholas Barnes e Stephanie Savell, aborda as práticas policiais repressivas e cada vez mais militarizadas empregadas pelo governo brasileiro na tentativa de conter e erradicar as comunidades de favela. Em seguida, no capítulo 3, Henrique Gomes relata o processo de produção dos retratos de família, descrevendo a metodologia que ele e o fotógrafo Antonello Veneri desenvolveram ao longo deste trabalho.

A segunda parte do livro analisa elementos da exposição em mais detalhe e teoriza como ela constrói e transmite significados e interpretações. No capítulo 4, Andreza Jorge e Desirée Poets examinam quatro dos retratos de família, que, como argumentam as autoras, rompem as narrativas dominantes sobre gênero, sexualidade, raça,

classe, família e afeto. Dando sequência, no capítulo 5, Molly Todd parte de suas conversas e trocas com Andreza, que foi fotografada para a exposição, buscando refletir sobre os temas universais articulados pela sua experiência de vida como moradora da Maré. Seu texto sugere que tais temas deslocam os estereótipos sobre as comunidades de favela, os quais as representam como “Outro”. O capítulo 6, de Max Stephenson Jr, demonstra que a exibição, ao representar as realidades vividas diariamente pelos moradores, ilustra sua capacidade de desafiar e transformar o imaginário social dominante e opressor que eles enfrentam. Como conclusão, enfatizamos como os residentes da Maré seguem construindo vidas com propósito e significado, prova inegável de seu poder de criação e invenção.

### *Por que traduzimos o livro?*

A publicação do texto em inglês e português reflete o processo colaborativo por trás deste projeto, cujo público-alvo encontra-se tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. Os autores e editores deste volume realizaram todas as traduções, mas é importante salientar que não existe um texto original e outra tradução. Alguns capítulos foram escritos primeiro em inglês, outros em português e outros ainda simultaneamente nas duas línguas. Ao traduzirmos, decidimos manter

fidelidade ao leitor, adaptando o texto original sempre que necessário para garantir sua compreensão. Posto isto, frisamos que entendemos o processo de tradução como um ato político que exige uma constante reavaliação dos nossos pressupostos sobre relações sociais, ideologias e poder. Nesse sentido, notamos também que a exibição e este volume são fruto das distintas, porém instáveis, localizações e posições institucionais, profissionais, socioeconômicas, geográficas, linguísticas e culturais dos autores e colaboradores, conforme descrito acima. Esperamos que o presente volume reflita e transmita adequadamente as sobreposições desta realidade complexa.

# CAPÍTULO 1

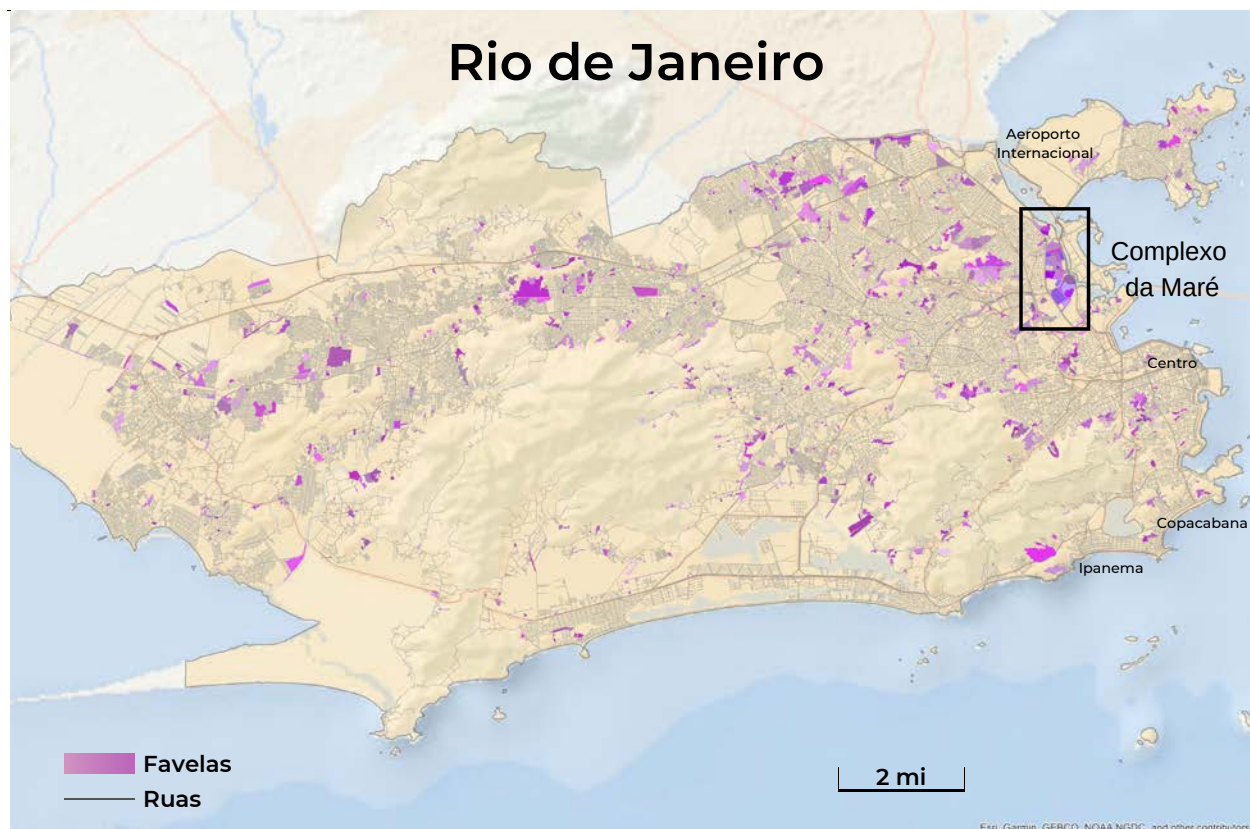
## UMA BREVE HISTÓRIA DAS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO E DO COMPLEXO DA MARÉ

NICHOLAS BARNES

O Rio de Janeiro possui mais de 1.000 favelas (veja Figura 7) que abrigam mais de 20% dos 6,7 milhões de habitantes da cidade.<sup>1</sup> Embora as favelas sejam frequentemente chamadas de “morros”, “aglomerados subnormais” ou “assentamentos precários”, esses termos não captam nem a diversidade incrível entre essas comunidades, nem o desenvolvimento significativo pelo qual passaram durante o último século. Sendo assim, este capítulo contextualiza este livro e a exibição *Maré de Dentro*, traçando as origens, o crescimento e as transformações das favelas do Rio, em geral, e das 16 favelas e conjuntos habitacionais que compõem o Complexo da Maré, mais especificamente. O capítulo também descreve as diversas maneiras pelas quais os residentes da Maré se organizaram e defenderam seus direitos perante um estado brasileiro historicamente negligente e violento.

### *Rio de Janeiro: Cidade das Favelas*

Segundo o mito popular, a primeira favela do Rio de Janeiro foi fundada na década de 1890, quando recém-libertos e ex-soldados estabeleceram uma comunidade de tendas e barracos nas encostas de um morro com vista para o centro da cidade. Deram a esse local o nome de *Morro da Favella*, em homenagem a uma planta típica do Nordeste do Brasil, onde os soldados lutaram na Guerra de Canudos.<sup>2</sup> A formação do Morro, porém, havia ocorrido vários anos antes, após a destruição do cortiço *Cabeça do Porco*, localizado no centro da cidade, pelas autoridades. Forçados a encontrar um novo local de moradia, os moradores do cortiço juntaram os poucos pertences e materiais de construção que puderam e começaram a construir novas casas em uma colina próxima.<sup>3</sup> Vários anos depois, os ex-soldados juntaram-se a esses primeiros



7. Mapa das favelas do Rio de Janeiro (2020). Dados do Instituto Pereira Passos. Elaboração por Nicholas Barnes.

habitantes do *Morro*.

Muitas das primeiras favelas do Rio foram construídas por homens e mulheres recém-libertos de maneira semelhante. O Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão e foi, de longe, o maior importador de pessoas escravizadas do mundo. Ao longo de mais de 300 anos de escravidão e de comércio de pessoas escravizadas, cerca de 5 milhões de

africanos escravizados chegaram às terras brasileiras. O porto do Rio de Janeiro sozinho foi ponto de desembarque de 2 milhões de pessoas escravizadas.<sup>4</sup> Após a abolição em 1888, muitos recém-libertos migraram para a região Sudeste do Brasil, que se encontrava em rápida industrialização, e especialmente para o Rio, São Paulo e Belo Horizonte. Assim

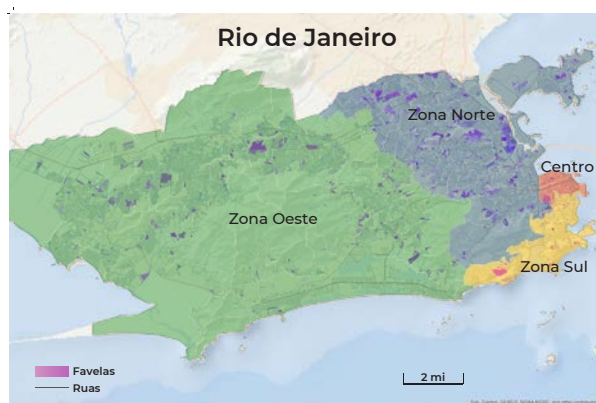
como nas áreas rurais do país, homens e mulheres libertos tinham pouco acesso à terra ou à moradia adequada na cidade, e, por isso, construíram suas casas nas encostas íngremes que cercam o porto e o centro do Rio. Apesar do terreno difícil nessas áreas e dos esforços do governo para remover essas primeiras favelas, com o passar do tempo, esses assentamentos tornaram-se complexas comunidades com centenas de casas e milhares de moradores.

No início do século XX, no entanto, especuladores, políticos, advogados, a classe média, pobres rurais, imigrantes estrangeiros e fazendeiros em busca de terras para plantar e criar gado, entre muitos outros, também já estavam envolvidos em invasões e ocupações de terras, com o objetivo de tomarem para si os terrenos e imóveis do Rio que passavam por um processo de especulação imobiliária.<sup>5</sup> Enquanto as primeiras comunidades haviam sido construídas em terrenos com vista para o centro da cidade, esses novos assentamentos invadiram e ocuparam também grandes fazendas, igrejas, propriedades estatais abandonadas, terras desocupadas e até pântanos e planícies de maré.

Por conta das restrições de zoneamento e das fragmentadas leis de propriedade no Rio, muitas dessas favelas surgiram na Zona Norte, que contava com maior oferta de trabalho por ser uma zona industrial, cujo acesso foi facilitado pela construção de ferrovias e,

eventualmente, rodovias. Graças a décadas de organização e mobilização política dos moradores, muitas dessas favelas da Zona Norte, como suas predecessoras no centro e na Zona Sul, conquistaram acesso, mesmo que insuficiente, à infraestrutura urbana. A maioria das casas nas favelas mais antigas do Rio, por exemplo, possuem água encanada e eletricidade, e variam de barracos muito simples, nas áreas mais pobres, a lindas casas de vários andares, bem decoradas e repletas de eletrodomésticos modernos. No mais, vários desses bairros contam com a presença de escolas, postos de saúde e espaços recreativos, além de ruas e calçadas pavimentadas e bastante movimentadas por conta do comércio local e do tráfego de motocicletas e pedestres.

Mais recentemente, a formação de favelas tem se concentrado na extensa Zona Oeste da cidade, onde a terra ainda é relativamente abundante (veja Figura 8 Zoneamento). Ao contrário das favelas mais antigas, as comunidades da Zona Oeste muitas vezes carecem da infraestrutura e dos serviços mais básicos. No entanto, novas favelas continuam surgindo nessa área, apesar das dificuldades que marcam a vida cotidiana nesses bairros, como as longas viagens diárias que os moradores enfrentam para ir e vir de seus empregos. Somente na última década, dezenas de novas comunidades foram formadas na Zona Oeste.



**8. Zoneamento da cidade do Rio de Janeiro (2020). Dados do Instituto Pereira Passos. Elaboração por Nicholas Barnes.**

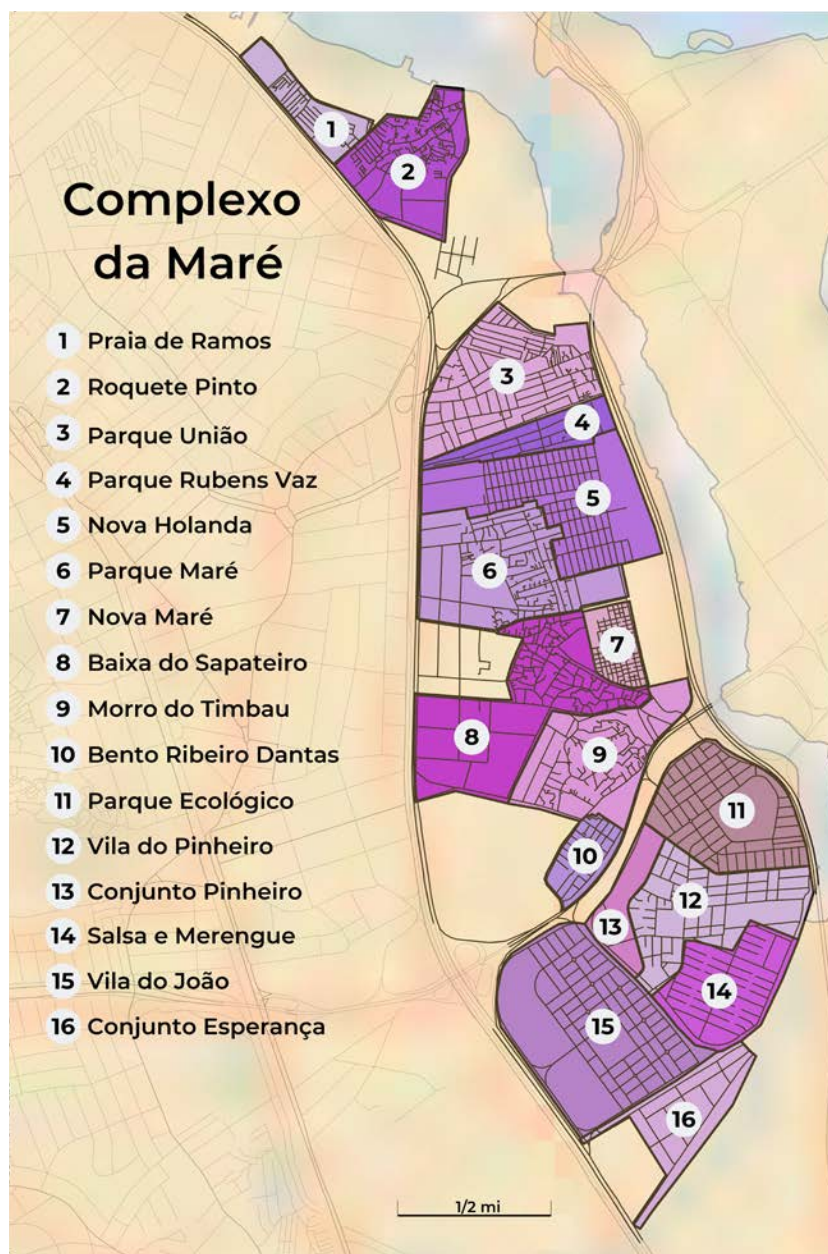
Nesse contexto, cabe ressaltar que as favelas do Rio de Janeiro são incrivelmente diversas, mas dois elementos lhes são comuns: o preconceito e a discriminação que enfrentam. De modo geral, a sociedade brasileira retrata as favelas como áreas do vício e da criminalidade.<sup>6</sup> Como já observado na Introdução, em contraposição a essa narrativa, a exposição *Maré de Dentro* sugere que as favelas são dinâmicos locais de produção artística e cultural e de mobilização coletiva. Artistas e músicos de favela são os criadores de várias tradições culturais brasileiras e cariocas, como o famoso carnaval e o samba, que misturam expressões religiosas e culturais africanas, europeias e indígenas.<sup>7</sup> Os moradores de favela também desenvolveram respostas locais e autônomas para lidar com

a dificuldade de acesso aos seus direitos, inclusive à propriedade e à infraestrutura. A nível nacional, os movimentos sociais formados pelas favelas desempenharam um papel importante nas mobilizações populares que levaram ao fim da Ditadura Militar (1964-1985) e deram início ao processo de redemocratização do Brasil. Hoje, as favelas continuam sendo motores econômicos e culturais que sustentam importantes movimentos políticos e sociais pela defesa dos direitos humanos básicos de todos os cidadãos brasileiros, contribuindo significativamente para a consolidação da democracia.

### *As Origens do Complexo da Maré*

No final da década de 1930, Orosina Vieira e seu marido construíram um pequeno barraco de madeira em uma colina cercada por planícies pantanosas ao longo da Baía de Guanabara.<sup>8</sup> O casal, que havia migrado de Minas Gerais para o Rio, foram os primeiros residentes permanentes da Maré. Naquela época, a área estava completamente deserta, exceto por uma colônia de pescadores que ali amarravam seus barcos à noite.<sup>9</sup> Aos poucos, outros imigrantes foram chegando e, em meados da década de 1940, surge uma pequena comunidade no *Morro do Timbau*. Esse novo assentamento viria a ser a primeira favela da Maré (veja Figura 9).





9. Mapa do Complexo da Maré (2020). Dados da Redes de Desenvolvimento da Maré, ESRI, Garmin, GEBCO, NOAA NGDC, e outros contribuintes. Elaboração por Nicholas Barnes.

Em 1946, o governo nacional concluiu a Avenida Brasil, importante rodovia que conecta o centro do Rio aos subúrbios vizinhos, o que acabou por estimular a chegada de novos moradores à área. Logo chegaram também as indústrias e muitos dos moradores da Maré encontraram trabalho constante, mesmo que difícil e cansativo, nas novas fábricas. Como resultado, três outras comunidades surgiram no entorno do *Morro do Timbau: Baixa do Sapateiro* (1947), *Parque Maré* (1950) e *Roquete Pinto* (1955). Quando toda a terra seca havia sido ocupada, novos migrantes começaram a construir as palafitas, ou seja, barracos de madeira suspensos sobre a água, os quais se espalharam cada vez mais adentro da Baía de Guanabara (veja Figura 10). Eram lugares difíceis de se viver, pois se encontravam ou no ou abaixo do nível do mar e sem fonte de água potável, além dos vários insetos e doenças que eram transmitidas pela água. Como maneira de lutar pelos serviços de eletricidade e pelo saneamento básico, as famílias criaram uma das primeiras Associações de Moradores e Comissões de Luz da cidade.<sup>10</sup>

*Parque Rubens Vaz* (1954) e *Parque União* (1958), as duas próximas comunidades da Maré a surgirem, seguiram um padrão de ocupação um pouco diferente e mais organizado. Margarino Torres, advogado e membro do Partido Comunista, chegou à Maré em meados da década de 1950

para proteger a mais nova favela do local, Rubens Vaz, de ameaças de remoção. Ele rapidamente se tornou líder incontestável dessa comunidade<sup>11</sup> e acabaria por organizar a ocupação de uma área vizinha, mais tarde denominada Parque União, onde uma empresa industrial local, a IRAL, já havia aterrado parte da baía.<sup>12</sup>

No início da década de 1960, foram criadas outras duas comunidades na Maré, quando um pequeno grupo de pescadores se instalou na Praia de Ramos (1962) e a prefeitura construiu o *Centro de Habitação Provisório Nova Holanda* (1962). A princípio, o governo do Rio tinha a intenção de construir moradias mais formais para os moradores que haviam sido violentamente removidos de outras favelas da cidade e transferidos para o centro de habitação, que consistia em centenas de casas de madeira conjugadas, de um e dois andares, a maioria com piso de terra e sem eletricidade em Nova Holanda (veja Figura 11). Essa “solução temporária”, entretanto, transformou-se em uma comunidade permanente. Embora cada um desses bairros mantivesse suas características distintas, os moradores cada vez mais atravessavam suas fronteiras para fazer compras, trabalhar, frequentar a escola, formar famílias e mudar de casa. Com o tempo, eles passaram a se identificar como parte de uma comunidade maior que veio a ser conhecida como o Complexo da Maré.





10. As palafitas da Baixa do Sapateiro, 1969. Foto por Anthony Leeds, reimpresso com a permissão do Arquivo Dona Orosina Vieira no Museu da Maré – CEASM.



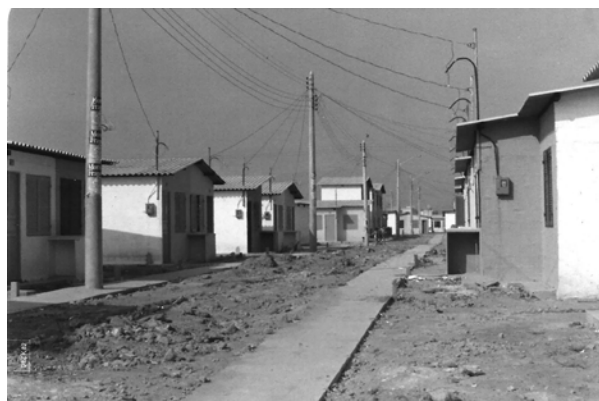
11. Foto aérea da Maré, 1979. Note as palafitas alcançando a Baía de Guanabara em primeiro plano e as ruas em xadrez da Nova Holanda ao fundo. Reimpresso com a permissão do Arquivo Dona Orosina Vieira no Museu da Maré - CEASM.

A Ditadura Militar, porém, afetou de forma negativa a qualidade de vida na Maré. Durante essa época, a chegada de uma nova onda de migrantes levou a um aumento drástico da população local, sem que os investimentos em infraestrutura pública melhorassem. Em 1980, apenas 40 anos após a chegada dos primeiros residentes, por volta de 68.000 pessoas já viviam nas nove comunidades da Maré,<sup>12</sup> das quais um quarto morava nas palafitas, que normalmente consistiam em um cômodo com pouco ou nenhum acesso a água potável, encanamento ou eletricidade.<sup>13</sup> As palafitas eram interligadas por meio de pontes de madeira (veja Figura 10) que levavam a muitos acidentes que podiam ser fatais, especialmente para crianças.<sup>14</sup>

Em 1979, o governo federal anunciou o Projeto Rio, um ambicioso plano de obras públicas que visava aterrar grandes porções da Baía de Guanabara e disponibilizar 23 km<sup>2</sup> de terras para a construção de moradias para cerca de 1,2 milhão de pessoas.<sup>15</sup> Para tal fim, o Projeto previa a remoção de todas as comunidades da Maré, plano esse contra o qual os moradores imediatamente se mobilizaram, por meio do recém-criado Comitê de Defesa da Favela da Maré (CODEFAM).<sup>16</sup> Após inúmeros protestos e manifestações populares, o governo nacional concordou em remover apenas as famílias que viviam nas palafitas, transferindo-as

para quatro novos conjuntos habitacionais construídos ao sul da Maré: *Vila do João* (1982) (veja Figura 12), *Conjunto Esperança* (1982), *Vila do Pinheiro* (1983) e *Conjunto Pinheiro* (1989).<sup>17</sup> These neighborhoods remained part of Esses bairros permaneceram como parte da Maré e, a eles, somaram-se outros conjuntos habitacionais: *Bento Ribeiro Dantas* (1992), *Nova Maré* (1995) e *Salsa e Merengue* (2000). Desde então, todas as comunidades da Maré continuaram crescendo, à medida que novos moradores foram chegando (veja Figuras 13, 14 e 15).

Os poderosos movimentos e mobilizações sociais que surgiram na Maré nas décadas de 1970 e 1980 não apenas permitiram a consolidação de vários bairros do Complexo, mas também deram origem a inúmeras organizações, iniciativas e projetos locais que continuam atuando no território. A Maré abriga dezenas de ONGs locais, por



12. As primeiras casas da Vila do João, 1981. Reimpresso com a permissão do Arquivo Clarice Peixoto do Museu MIIM.



exemplo, que oferecem diversas oportunidades educacionais, culturais e artísticas. Além dessas organizações, cada uma das 16 associações de moradores da Maré é prova da capacidade de auto-organização democrática dos residentes, cujo trabalho político garante o acesso a serviços essenciais na Maré. Vale ressaltar, também, que a Maré é formada por diversas comunidades étnico-raciais e religiosas, tais como evangélicas, católicas, afro-brasileiras e asiáticas, onde também moram migrantes de todos os 27 estados do Brasil e imigrantes de 15 países estrangeiros. Em resumo, o Complexo da Maré é, e sempre foi, local de luta pelos valores, princípios e sonhos da democracia brasileira.



**13, 14, 15. Construção de nova parte da Nova Holanda, Complexo da Maré, 1991. Foto por João Roberto Ripper, reimpressa com a permissão do Arquivo Clarice Peixoto do Museu MIIM.**

# CAPÍTULO 2

## SEGURANÇA PÚBLICA E POLICIAMENTO NO RIO DE JANEIRO E NO COMPLEXO DA MARÉ

NICHOLAS BARNES E STEPHANIE SAVELL

É sabido que, ao longo de toda sua trajetória histórica, as favelas têm sido alvo da repressão e violência do Estado. Historicamente, por exemplo, o aparato da segurança pública na cidade do Rio de Janeiro é cúmplice da política de remoção de favelas e, sob a lógica da “guerra às drogas” desde os anos 1980, emprega táticas de policiamento cada vez mais militarizadas na tentativa de controlar os moradores de favela. Este capítulo traça a evolução histórica de tais práticas, revelando os desafios diários enfrentados pelos moradores de favelas como a Maré.

### *Policiamento e repressão no Rio de Janeiro*

A atuação policial nas comunidades populares é, em geral, violenta e inclui práticas de extorsão, assédio, encarceramento e assassinatos. Isso se dá, em parte, porque os moradores de favela possuem acesso

inadequado à justiça e aos recursos de proteção contra tais abusos. Dito isto, observa-se que esse cenário atual remonta à época anterior ao surgimento das favelas. Já no início do século XIX, as instituições policiais — criadas com o objetivo de proteger as elites e reprimir as populações negras, pobres e imigrantes do Brasil — perseguiam capoeiristas e praticantes das religiões afro-brasileiras.<sup>1</sup> No século XX, a polícia do Rio passou a identificar a população negra e pobre da cidade como ameaça à sua “ordem moral, higiênica e civilizacional”.<sup>2</sup> Essa realidade agravou-se durante a Ditadura Militar (1964-1985), que encarregou a polícia de remover dezenas de favelas. Nesse contexto, entre 1968 e 1975, a prefeitura do Rio removeu 70 favelas e mais de 100.000 moradores.<sup>3</sup>

O discurso da “guerra às drogas” é a mais recente justificativa utilizada para reprimir as favelas.<sup>3</sup> A origem dos grupos criminosos

armados do Brasil é complexa, mas entende-se que eles surgiram na maioria das favelas cariocas antes do fim da ditadura. A expansão desses grupos, que inicialmente realizavam assaltos a bancos, sequestros e tráfico de drogas ilegais, foi resultado de diversos fatores, tais como as políticas repressivas do regime militar, a profunda recessão econômica pela qual o Brasil passou durante a década de 1980 e a entrada de cocaína e de armas pesadas no mercado ilícito brasileiro.<sup>4</sup> Conforme a polícia prendia membros desses grupos, eles se juntavam a uma das três redes ou “facções” oriundas do sistema carcerário carioca: Comando Vermelho, Terceiro Comando e, mais tarde, Amigos dos Amigos. Essas facções, nascidas das péssimas condições das prisões,<sup>5</sup> em seguida ampliaram seu poder ao assumir o controle de muitas favelas do Rio. Desde então, seus moradores encontram-se no epicentro de uma guerra literal e simbólica entre as três facções do narcotráfico e as forças do Estado.

Desde a redemocratização do Brasil e a promulgação da Constituição de 1988, o processo de militarização da polícia do Rio tem apenas se intensificado. Quando a polícia entra nas favelas com carros e helicópteros blindados, apelidados de *caveirão* e *caveirão voador*, respectivamente, ela age como soldados em território inimigo, com o intuito de capturar ou, o que é mais frequente, matar traficantes, desrespeitando os direitos dos moradores. Dessa maneira, para muitos, a vida

nas favelas é marcada pelo medo da polícia e dos tiroteios entre policiais e traficantes. Muitas vezes, esses tiroteios e operações policiais custam a vida de residentes, inclusive crianças.<sup>6</sup>

Um fato marcante é que, de maneira geral, a polícia ignora as milícias que igualmente operam de forma ilícita e violenta nas favelas, lucrando com a extorsão de negócios locais, como os camelôs, e controlando os serviços de transporte, de televisão e de internet e os mercados imobiliários locais. É sabido que a polícia do Rio mantém acordos de cooperação mutuamente benéficos com as milícias, compostas principalmente por policiais e bombeiros fora de serviço ou aposentados.<sup>7</sup> Hoje, as milícias controlam mais favelas do Rio do que todas as três facções do tráfico juntas.<sup>7</sup>

Em 2009, como parte das preparações para a Copa do Mundo de 2014 e para os Jogos Olímpicos de 2016, o governo do estado do Rio lançou um programa diferenciado de policiamento, a “pacificação”. Apresentando-se como uma reforma democrática da polícia sob os princípios da polícia de proximidade, o novo modelo se propunha a consolidar o controle estatal sobre o território das comunidades até então controladas por traficantes. A primeira fase da “pacificação” era a “retomada” das favelas pela polícia e pelas Forças Armadas, seguida pela “estabilização”, durante a qual continuavam as varreduras em busca de drogas, armas e membros dos grupos

armados. A próxima fase seria a instalação de unidades permanentes de policiamento comunitário, as UPPs, para as quais policiais recém-contratados e com formação em direitos humanos seriam encaminhados. Sua missão era proteger os moradores e promover seu envolvimento com as atividades policiais no território por meio de programas sociais.

Nos primeiros anos da “pacificação”, os índices de violência na cidade do Rio de fato caíram, levando muitos cariocas à esperança de que o programa pudesse atingir seus objetivos oficiais. Porém, conforme novas favelas eram “pacificadas”, os princípios do policiamento de proximidade foram gradativamente abandonados ou implementados de forma inadequada. Em 2013, por exemplo, policiais da UPP da Rocinha torturaram e executaram o pedreiro e morador Amarildo de Souza, revelando que os abusos e a impunidade policial continuavam sob as UPPs e levando a protestos maciços por todo o Rio. Em consequência disso, muitos cariocas deixaram de acreditar na “pacificação”. Ao fim das Olimpíadas de 2016, o governo municipal do Rio chegou à beira da falência e teve de recorrer a ajuda federal para pagar o salário de seus servidores públicos, inclusive de policiais. Foi nesse contexto que se concretizou o que veio a ser chamado de “crise das UPPs”.

Atualmente, a cidade do Rio continua sendo marcada pela violência urbana. Em 2018, a polícia do Rio matou 1.534 pessoas, logo superando esse recorde em 2019, quando o número de mortes por intervenção policial chegou a 1.814.<sup>8</sup> Em comparação, nos Estados Unidos como um todo, a polícia matou 992 pessoas em 2018 e 999 pessoas em 2019.<sup>8</sup> Há provas crescentes que, em um contexto de racismo sistêmico, o homicídio de jovens negros pela polícia carioca, com a justificativa de suspeita de serem traficantes de drogas, é prática corriqueira.<sup>9</sup> Nesse contexto, o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, que tomou posse no início de 2019, e o governador do Rio, Wilson Witzel, ambos fizeram declarações públicas afirmando que “criminosos” não merecem os mesmos direitos que outros cidadãos, promovendo práticas policiais ainda mais violentas e repressivas nas favelas.<sup>10</sup> Desde então, o número de homicídios cometidos por policiais e a violência policial seguem aumentando.

### *Policiamento na Maré*

Desde o início da formação da Maré, o relacionamento dos moradores com as instituições policiais e militares locais foi marcado por tensões. As primeiras famílias a se assentarem na área enfrentavam ameaças



**16. Moradores em frente às suas casas. Baixa do Sapateiro, Complexo da Maré, 1981. Em primeiro plano, observe os restos de outra casa, demolida pela polícia. Foto Reimpresso com a permissão do Arquivo Clarice Peixoto do Museu MIIM..**

quase contínuas de remoção, perseguição e extorsão, tanto por policiais quanto por militares que atuavam na região.<sup>11</sup> Entre 1940 e 1960, soldados de uma base militar adjacente à favela passaram a cobrar uma “taxa de ocupação” dos moradores do Morro do Timbau, reservando-se o direito de demolir casas que haviam sido construídas sem sua aprovação e de decidir quais comunidades

poderiam permanecer no local.<sup>12</sup> Entre os anos 1950 e 1980, as unidades policiais locais removeram diversas famílias (veja Figura 16) e até comunidades inteiras, como a Praia de Inhaúma, a Maria Angu, a Moreninha e a Favela Avenida Brasil.<sup>13</sup> Depois de suas casas terem sido demolidas ou queimadas, muitas famílias se assentaram em áreas vizinhas.



Conforme já observado acima, as práticas policiais durante a ditadura militar foram especialmente violentas. O Ato Institucional nº 5 (AI-5) de 1968 suspendeu importantes direitos civis e políticos, como o *habeas corpus*. A partir de então, os policiais dos postos localizados em várias áreas da Maré começaram a tratar os moradores da favela de maneira cada vez mais violenta e arbitrária. Os atuais moradores da Maré ainda lembram de ver muitos jovens sendo detidos, presos e, em alguns casos, torturados por suposta “vadiagem” ou por estarem desempregados durante esse período. Como reconta Eliana Sousa Silva, líder comunitária e diretora da ONG Redes da Maré:

Na época, via muitos rapazes — e até moças — serem presos e, às vezes, espancados. Eram muitos gritos e palavrões, que em algumas ocasiões não permitiam que dormíssemos. Contudo, naquele tempo, eu não entendia por que as pessoas eram presas, por que apanhavam, nem o motivo de tanto atrito e desrespeito entre polícia e morador.<sup>14</sup>

Como foi o caso em muitas outras favelas da cidade, as primeiras facções criminosas da Maré surgiram durante a ditadura, nascidas a partir de pequenos grupos que, inicialmente, vendiam maconha ou realizavam assaltos armados. Com a chegada da cocaína e das

armas pesadas na década de 1980, os grupos expandiram suas organizações e atividades, recrutando novos membros, investindo em armas e competindo entre si pelo controle da venda de drogas na Maré. Nas décadas de 1980 e 1990, durante o processo de consolidação dos territórios de cada grupo, eram frequentes os tiroteios na Maré. Eventualmente, esses grupos locais juntaram-se às facções do Comando Vermelho, do Terceiro Comando e, no início dos anos 2000, dos Amigos dos Amigos. Foi também em meados dos anos 2000 que uma milícia assumiu o controle dos bairros Roquete Pinto e Praia de Ramos. A competição entre esses grupos continua sendo uma das causas de violência local.

Os grupos criminosos da Maré desempenham um papel ambíguo na vida da favela. Por um lado, são agentes da violência dos mercados ilícitos, mas, por outro, em um contexto de acesso precário aos serviços e órgãos públicos, também apoiam negócios locais, resolvem disputas entre moradores e implementam uma ordem social relativamente estável, embora coercitiva, punindo casos de furto, violência doméstica e outros atos criminosos. Apesar da maioria dos moradores desaprovarem as atividades violentas e ilegais desses grupos, eles têm opções limitadas para resistir à sua presença, pois os membros, tanto das facções quanto da milícia, os ameaçam a fim de coagi-los a não denunciarem suas



**17. Moradores e soldados assistem a um jogo do Brasil da Copa do Mundo durante a ocupação militar da Maré. Nova Holanda, Complexo da Maré, 2014.**

atividades. Ao mesmo tempo, por razões óbvias, muitos moradores da Maré não acreditam que uma polícia violenta e corrupta possa defender seus interesses.

A Maré é um exemplo flagrante do processo de militarização da polícia do Rio desde os anos 1980. Desde a década de 1990, por exemplo, é comum o uso de veículos blindados nas operações policiais, os chamados *caveirões*, o que leva a tiroteios

violentos com as facções, colocando a vida dos moradores em risco. Em 2003, foi instalado o 22º Batalhão da Polícia Militar em Nova Holanda, com o objetivo de facilitar o deslocamento dos policiais para outras comunidades da Maré. No entanto, a presença do batalhão não conteve a violência e o poder das facções locais. Quando, em 2011, a sede do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) se mudou para uma base militar





**18. Soldado se esconde atrás de carro durante operação militar. Parque Rubens Vaz, Complexo da Maré, 2014.**

abandonada nos arredores da Maré, tornou-se frequente o envolvimento do BOPE em operações locais. Como exemplo, vale citar uma operação de junho de 2013, durante a qual um breve confronto entre a polícia e um grupo de traficantes levou à morte de um sargento. Como retaliação, durante as 24 horas seguintes, o BOPE invadiu e ocupou vários bairros da Maré, indo de casa em casa em busca de membros de facções, gritando ameaças pelas ruas e matando nove

moradores, alguns dos quais tinham pouca ou nenhuma ligação com o tráfico de drogas.<sup>15</sup> ONGs locais, movimentos sociais e centenas de moradores do Complexo protestaram contra essas mortes, parando o trânsito na Avenida Brasil e exigindo que o Estado se responsabilizasse pela violência. Apesar desse clamor público, nada mudou na prática de policiamento e nenhum agente do Estado foi responsabilizado pelos abusos cometidos na Maré.



19. Militares patrulham de madrugada uma via principal da Maré. Nova Holanda, Complexo da Maré, 2014.

### *A ocupação militar da Maré*

Alguns anos depois de iniciado o programa de “pacificação”, o governo do Rio anunciou que o Complexo da Maré seria a última comunidade a ser “pacificada”. Na prática, porém, o policiamento comunitário nunca chegou a ser implementado e tampouco foi instalada uma UPP na Maré. Ao invés disso, a então presidente Dilma Rousseff autorizou a ocupação da comunidade por 2.500 militares entre abril de 2014 e julho de 2015.<sup>16</sup> Em

seguida, após meses de intensas operações policiais, buscas e apreensões que pretendiam enfraquecer as facções locais, as Forças Armadas invadiram a Maré na madrugada de 5 de abril de 2014. O curta-metragem documentário *Ocupação*, que faz parte do acervo da *Maré de Dentro*, registrou a vida na Maré às vésperas da chegada dos militares. No documentário, questiona-se a ideia de que as favelas são espaços intrinsecamente violentos que precisam ser “pacificados” e onde a presença das Forças Armadas é necessária

e inevitável para tal fim. A esse respeito, em um dos momentos mais marcantes do curta, durante um show de samba, o DJ comenta:

Nós tamo aí pra mostrar que a Maré não é só isso que nêgo tá passando na televisão aí, não. Só passa bagulho de fumaça, pô, só passa esquema esquisito. Pô, tem tanta coisa boa aqui... Vamos a nossa cultura, a nossa arte.<sup>17</sup>

Logo após a invasão, o Exército instalou vários postos de controle nos quais os moradores, especialmente jovens negros, eram parados e revistados pelos militares. Durante os 16 meses de ocupação, tropas do Exército patrulharam as ruas da Maré 24 horas por dia, deslocando-se em caminhões e jipes pelas principais vias e a pé pelos becos e ruas mais estreitas do Complexo (veja Figuras 17 e 18). À noite, esses veículos eram substituídos por tanques (veja Figura 19). Nesse contexto de ocupação, embora a taxa de homicídios na Maré tenha caído devido à diminuição do número de confrontos entre as facções e a polícia, os moradores queixaram-se de uma série de violações de direitos cometidas pelos militares, como invasão ilegal de casas, agressões verbais e físicas e assassinatos de moradores que não tinham qualquer envolvimento com o tráfico (veja Figura 20).<sup>18</sup>

Ao mesmo tempo, foi implementada uma campanha para conquistar os “corações

e mentes” e o apoio dos moradores, durante a qual os militares permitiram reformas na infraestrutura da comunidade, organizaram cultos em congregações locais e ministraram aulas sobre saúde materna, pintura, música e Jiu-jitsu. Eles também ofereceram treinamento profissional e técnico à comunidade, realizaram apresentações sobre higiene e saúde em escolas locais e até mesmo organizaram shows musicais. Apesar desses esforços, ao final da ocupação, menos de 25% dos 1.000 moradores entrevistados pela ONG Redes da Maré concordaram que os militares haviam se comportado de maneira aceitável durante a invasão.<sup>18</sup> De acordo com um líder comunitário em uma reunião pública:



**20. Cartuchos de balas disparadas por soldados recuperados por um morador. Parque Rubens Vaz, Complexo da Maré, 2014.**



A ‘Pacificação’ da Maré foi uma mentira e um termo abstrato que não reflete a realidade. (...) Eles [os militares] não implementaram instituições mais responsivas e embora tenham buscado criar relações com a sociedade civil, isso é mais em teoria e serve como subterfúgio para eles controlarem o espaço (notas de campo do autor de 5 de novembro, 2014).

Em 31 de julho de 2015, as tropas militares deixaram completamente a Maré e os grupos armados logo restabeleceram seu controle sobre as ruas das comunidades. A polícia militar igualmente retornou às suas práticas violentas. Nos últimos tempos, por exemplo, a polícia vem usando helicópteros nas operações nas favelas do Rio, disparando do ar contra as comunidades e, conseqüentemente, matando dezenas de moradores inocentes. Nesse contexto, vale ressaltar que, entre 2016 e 2019, a polícia militar carioca realizou 129 operações que levaram diretamente à morte de 90 moradores.<sup>19</sup> Para os moradores da Maré, esse cenário de violência repete ciclos históricos e contínuos de afronta e trauma.

Ao focar nas vidas e nas experiências dos moradores da Maré, e não na violência ou crime que se manifesta ao seu redor, a exibição *Maré de Dentro* desafia narrativas dominantes e sensacionalistas sobre a violência urbana e o crime na cidade do Rio de Janeiro. Ela

também nos permite compreender de maneira profunda como os moradores da Maré foram capazes não apenas de resistir e sobreviver a essas circunstâncias difíceis, mas também, sobretudo, de prosperar e viver suas vidas *além* da violência e da precariedade.

# CAPÍTULO 3

## OS RETRATOS DE *MARÉ DE DENTRO* E SUA PRODUÇÃO

HENRIQUE GOMES

Eu fui criado na favela Nova Holanda, uma das 16 favelas do complexo da Maré, e passei quase toda minha vida ali. Sempre fui extrovertido e uma das minhas paixões é a música. A partir da prática de um instrumento (violão), tive a oportunidade de transitar por vários coletivos culturais dentro do território da Maré. Isso me deu a chance de vivenciar e conhecer diferentes espaços em todas as favelas que compõem a Maré. Sobre o conjunto de favelas da Maré, é importante dizer que, hoje em dia, existem quatro diferentes grupos armados incidindo diretamente sobre o território e sobre suas dinâmicas de poder. Esse fator contribui para que a mobilidade entre três diferentes áreas do território seja limitada. Existem inúmeras narrativas de proibição e linhas divisórias entre essas áreas que são internalizadas nos imaginários subjetivos e objetivos dos moradores.

A partir das minhas relações de afeto e interação nesse território, acumulei um conhecimento profundo sobre a Maré e sobre as especificidades deste território.

Esse conhecimento me deu as ferramentas necessárias para que o acúmulo desses anos se convertesse em experiências transformadoras, em trabalhos que dialogam diretamente com a minha vida e que são inerentes à minha própria sobrevivência. É importante lembrar que vivo em um cenário (na cidade do Rio) no qual a cada 23 minutos um jovem negro e favelado morre assassinado. Sob essa perspectiva, minha circulação e meu conhecimento dos territórios da Maré são atos de resistência.

Por conta da minha experiência profissional e cotidiana no território, meu trabalho cada vez mais consistia em me conectar com pessoas de fora da favela que vinham, principalmente, por meio de organizações comunitárias com o intuito de pesquisar a favela e seus moradores. Esse contato com pesquisadores de fora requer uma leitura profunda sobre a Maré que pudesse ser repassada para eles. No exercício de fazer tal leitura, senti-me provocado a refletir e comecei a questionar situações

naturalizadas e corriqueiras no território que não havia percebido anteriormente. Por exemplo, em agosto de 2013, fazia um mês após a chacina de nove pessoas na favela da Maré, que ocorreu num único dia pela ação do Estado através da polícia militar do Rio de Janeiro. Eles justificaram sua ação como sendo vingança pela morte de um policial durante uma incursão policial na Maré. Esse foi um período bem marcante na história do território e da cidade do Rio de Janeiro como um todo, que passava por grandes transformações em função dos grandes eventos mundiais a serem sediados: a Copa do Mundo e as Olimpíadas. As consequências dessas transformações na cidade foram sentidas por moradores que puderam perceber um aumento tanto da força e da presença policial ao redor da favela quanto da perseguição e da internação compulsória da população em situação de rua e/ou usuária de drogas.

Dentro desse cenário supracitado, vivenciando todo esse contexto, refleti bastante sobre como o lugar onde eu fui criado estava sendo retratado naquele momento nas mídias hegemônicas de todo o mundo. Observando e tendo acesso a essas notícias, senti, pela primeira vez, um impacto dessas narrativas sobre uma vida que também é a minha! Foi preciso me sentir diretamente afetado pelos efeitos dessas imagens essencialistas que reduzem a experiência do morador de favela à violência, pobreza e ausências para “virar a chave”, para me fazer sentir o que muitos moradores já reivindicavam há tempos: essas narrativas precisam ser disputadas!

### *Interiores da Maré*

A partir da visita de um Coletivo Artístico de São Paulo à Maré como parte de uma formação sobre articulação e mobilização territorial, recebi na Maré um grupo com 20 moradores de diferentes periferias da América do Sul que se propuseram a ficar na favela Nova Holanda durante uma semana. Nesse grupo, havia um fotógrafo, que estava com a incumbência de fotografar a ação do grupo na Maré. O fotógrafo italiano chamado Antonello Veneri ficou sob minha responsabilidade e eu tive que o acompanhar pelo território. Devido a esse contato, fui me aproximando do grupo. Ao fim da formação do grupo, Antonello me perguntou se poderia voltar à Maré para passar um tempo. Eu disse que sim e me disponibilizei para acolher e contribuir no que fosse necessário.

Durante a convivência com Antonello, falamos bastante sobre a produção de imagens feitas sobre as favelas e como elas sempre são retratadas de forma essencialista. Trocamos impressões sobre a Maré a partir do meu olhar de morador e, no caso do Antonello, dos dias que ele havia passado no território. Ao longo dessas reflexões, notamos como o processo de criação de imagens afetivas e de memória da Maré e de outras favelas foi se transformando ao longo do tempo, principalmente devido ao avanço da tecnologia e à popularização do uso de máquinas digitais e de celulares com câmeras. Essas tecnologias propiciaram uma grande produção de imagens que geram certo confronto entre as imagens feitas por pessoas





**21. Dona Jurema e sua família. Nova Holanda, Complexo da Maré, 2013.**

de fora da favela e as imagens feitas por pessoas de dentro da favela.

Partindo dessas provocações, decidimos conversar com algumas famílias do entorno da minha casa na Maré e da casa na qual Antonello estava morando para propor um pequeno ensaio fotográfico composto por retratos dessas famílias. E assim fizemos a primeira foto. Naquele momento, entendemos que cada um de nós tinha um papel

fundamental na relação com a família que estava sendo fotografada: eu através do meu conhecimento do território e das pessoas com as quais construí uma rede de afeto e um acúmulo sobre a história do espaço onde fui criado e moro, o Antonello com um olhar técnico e sensível imprescindíveis para a realização das fotos, e as famílias a partir de suas memórias e desejo de corroborar outros imaginários sobre a favela.

Falar dos interiores da Maré e do interior de casas e de famílias da Maré é, para mim, a possibilidade de tornar visível o que não costuma ser visto. Falo de uma realidade que parte do íntimo, da individualidade, do protagonismo. Entrar nas casas dos moradores com a proposta da fotografia significou entrar na vida dos meus amigos e dos meus vizinhos de uma maneira completamente diferente para mim, ainda que seja em meu próprio território.

A primeira experiência fotográfica foi incrível. Naquele instante, foi possível conversar sobre uma série de reflexões acerca das imagens e narrativas em disputa que Antonello e eu estávamos construindo há um tempo. Quando conhecemos Dona Penha, uma senhora com pouco mais de 50 anos e que trabalhava cuidando de crianças durante o dia, ela falava muito que sentia falta de ser retratada como antigamente e sobre o quanto era legal ter toda a família reunida para ser fotografada em ocasiões especiais. Visitamos a segunda, a terceira e a quarta família até percebermos que estávamos construindo uma metodologia de trabalho centrada nas experiências que os moradores traziam sobre as relações entre fotografia, afeto e, principalmente, memória. Para ilustrar a experiência oriunda desses encontros, selecionei quatro fotos e revisei na memória o seu momento de criação com o intuito de compartilhar esses *Interiores da Maré*.

### *Dona Jurema e sua família (Fig. 21)*

Visitamos a casa de Dona Jurema, uma senhora que conheço há muito tempo porque trabalhamos juntos em uma instituição na Maré. Ela sempre gostou muito de plantas e tratava todos com muito carinho. No dia marcado para a foto, à tarde, decidimos juntos qual seria o cômodo ideal da casa para fazer a fotografia. De repente, ouvimos tiros de arma de fogo vindos da rua. Todos nós corremos para nos proteger e demos a ela a opção de fotografar em outro momento, mas ela nos pediu para esperar mais um pouco antes de decidirmos. O tripé da câmera já estava montado na varanda e Dona Jurema e sua família se posicionaram, de forma natural e quase intuitiva em frente à câmera e, assim, de maneira espontânea, o registro fotográfico foi feito. No exato momento da foto no interior da casa, havia do lado de fora a presença de um caveirão posicionado em frente à casa de Dona Jurema.

Esse dia ficou marcado pelo fato de precisarmos naturalizar determinadas ações de violência para dar conta da vida que precisa seguir. Como alterar a rotina cotidiana de uma família em função das incursões policiais, uma vez que elas são tão frequentes? A partir desses questionamentos, refletimos sobre a necessidade da visibilidade desses interiores para que se possa provocar a responsabilização de toda sociedade diante da naturalização da violência no cotidiano de pessoas faveladas.



**22. Dona Tânia Gonçalves e Luiz Carlos. Morro do Timbau, Complexo da Maré, 2014.**

*Dona Tânia e Luiz Carlos (Figs. 22 e 23)*

A casa de Tânia e Carlos está localizada em uma ocupação chamada McLaren, que é, na verdade, um antigo estaleiro de conserto de barcos na região da Maré. Embaixo de um viaduto, 44 famílias vivem em uma grave situação de vulnerabilidade. Nesse sentido, essas fotos nos fazem pensar sobre a habitação como um direito humano e colocam em

pauta uma série de outros direitos básicos que também são negados a essas famílias. Na McLaren, a ausência desses direitos é muito visível. Por exemplo, a estrutura improvisada das casas de madeiras e de lonas deixa o esgoto a céu aberto, levando-o a desembocar diretamente na baía de Guanabara, o que interfere em diversos problemas, como na distribuição de água.



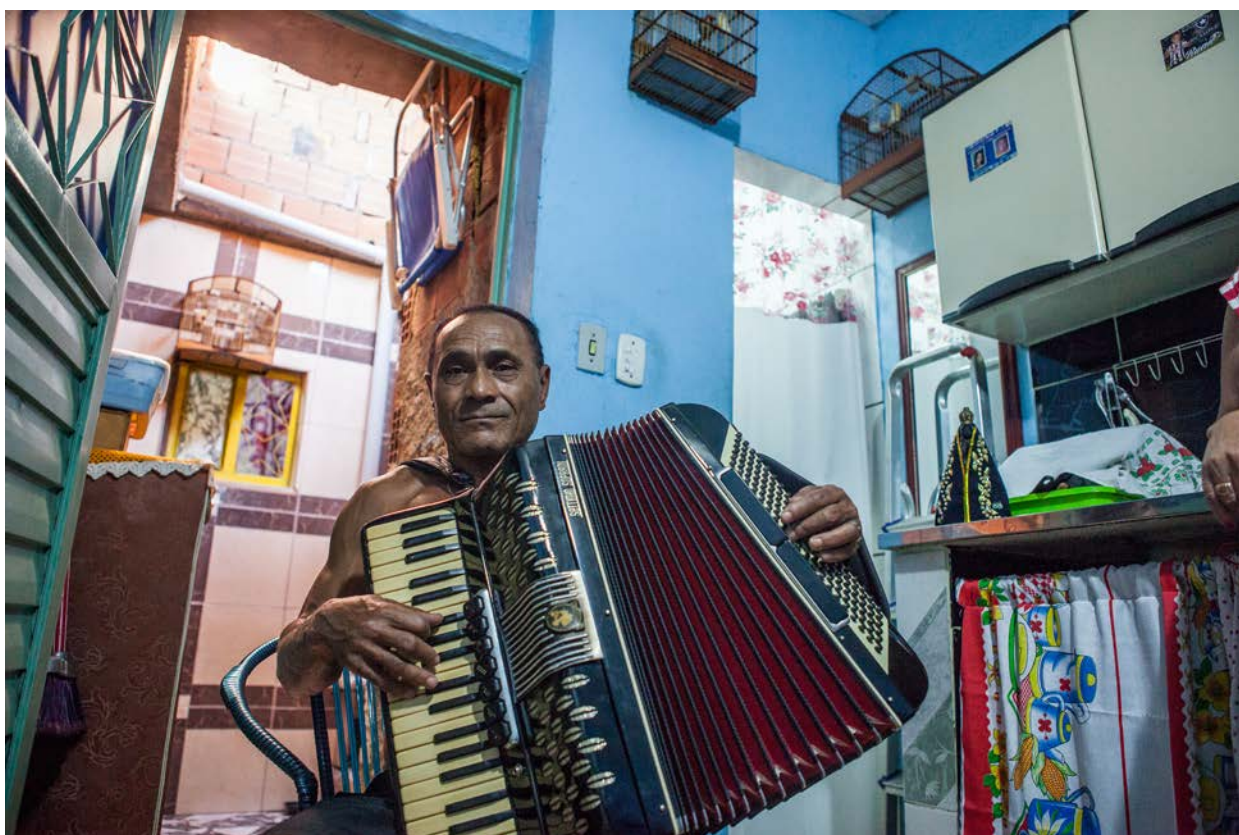


**23. Dona Tânia Gonçalves e Luiz Carlos. Morro do Timbau, Complexo da Maré, 2016.**

Tânia e Carlos estavam morando há mais de 12 anos nessa ocupação. Quando começamos a organizar o local para a foto, percebemos a grande quantidade de esculturas e quadros com pinturas emolduradas na casa. Dona Tânia, que trabalha como catadora de lixo reciclável, disse, com muito orgulho, que era o que ela mais gostava de fazer: trazer objetos de arte encontrados nos lixos para decorar a casa. Ela nos contou que quase todos os dias, quando sai para trabalhar, ela encontra

obras de arte por toda parte e as traz para casa. Dona Tânia organizou a foto do jeito que ela queria, dando visibilidade principalmente às obras de arte da casa.

Um ano depois do nosso primeiro encontro, decidimos retornar para a casa de alguns fotografados com o intuito de presentear algumas famílias com fotos impressas que foram utilizadas em uma exposição artística realizada na Maré. Dona Tânia ficou muito feliz com a fotografia



24. Senhor Antônio. Parque Maré, Complexo da Maré, 2013.

recebida, sendo um especial componente para seu acervo artístico na casa. Meses depois da entrega do presente, fomos visitá-los e, ao chegar na casa, a surpresa foi grande. A fotografia havia sido colocada na parede da sala compondo a decoração do ambiente que contava, inclusive, com uma nova cor nas paredes! Fotografamos novamente a família e nos sensibilizamos pelo cuidado e acolhimento.

O cuidado com a casa mesmo em situações de muita vulnerabilidade é algo que não me surpreende como morador de favela. Ver como Tânia e Luiz cuidam da casa lembra uma frase que minha mãe usava desde que eu era pequeno: “devemos cuidar do que é nosso mesmo que seja pouco”, pois cuidar do lar, de certa maneira, organiza todas as outras funções do dia. Porém, isto não significa uma limitação nos desejos e sonhos de melhoras nos aspectos da casa.

### *Senhor Antônio (Fig. 24)*

A fotografia de Senhor Antônio é um retrato que representa mais da metade dos moradores do Complexo de favelas da Maré. Ele é um dos migrantes oriundos do Nordeste do Brasil, uma região marcada pelas desigualdades sociais e pelos estigmas por ser uma área majoritariamente rural, ribeirinha e sertaneja. Minha família também faz parte dessa história. Meus pais migraram para o Rio de Janeiro para terem oportunidades melhores de vida a partir da oferta de emprego no Sudeste. A casa de Seu Antônio e Dona Maria, sua esposa, trouxe-me a memória do lugar onde meus pais nasceram e cresceram, principalmente porque, quando chegamos, fomos recebidos com muita comida e longas histórias sobre a vida deles no Nordeste antes de chegarem na Maré.

Seu Antônio trabalha na construção civil e é sanfoneiro de um grupo de forró, um estilo musical típico do Nordeste do Brasil. Seu Antônio aprendeu a tocar o instrumento quando era criança, sendo um músico autodidata, e compartilhava a paixão pela sanfona com os homens da família. Conheci Seu Antônio em encontros musicais e culturais na Maré. No dia marcado para realizar a fotografia, Seu Antônio mostrou em sua estante um tipo de fotografia antiga, com uma técnica que mistura pintura com foto, muito popular no Brasil para registrar as famílias. Essas fotografias eram retratos emoldurados que eternizaram momentos importantes como casamento, batizados ou primeira comunhão.

### *Conclusão*

A partir desses primeiros retratos, entendemos a necessidade de continuar fotografando as famílias de uma maneira que ia além dos pressupostos do senso comum de família tradicional formada por pai (homem), mãe (mulher) e filhos. Compreendemos que a diversidade dos tipos de família — como, por exemplo, famílias lideradas por mulheres, famílias homoafetivas, famílias multigeracionais, mães solo e famílias sem vínculos sanguíneos que se tornam “família” a partir de vínculos de solidariedade e sobrevivência na rua, entre muitas outras — era algo a ser enaltecido.

Notamos que esse senso comum sobre a ideia de família surgia até na hora em que perguntávamos para uma família fotografada se conheciam outras famílias que gostariam de participar e elas sempre indicavam esse perfil hegemônico de família nuclear, por acharem que famílias “não-tradicionais” seriam recusadas. Por tais motivos, contrapor essas narrativas por meio das imagens e das escolhas das famílias fotografadas também faz parte da metodologia de trabalho do projeto, como uma decisão política fruto de relações orgânicas que, ao criarem vínculos afetivos, levam à aprendizagem.

Depois de mais de sete anos fotografando essas famílias, quando encontro membros delas pelas ruas da Maré, nossas conversas, muitas vezes, têm como base as histórias dos dias em que suas fotos foram tiradas. E, com uma espécie de linha do tempo criada no afeto e na memória, atualizamos-nos sobre a realidade da vida com a lembrança de um dia bom.

# CAPÍTULO 4

## O PODER ARTÍSTICO DA EXIBIÇÃO *MARÉ DE DENTRO*

ANDREZA JORGE E DESIRÉE POETS

Como imagens de uma casa e de uma família podem nos informar sobre nossas próprias vidas? Esse exercício permeou as análises das quatro fotografias aqui incluídas, colocando-nos defronte das nossas próprias crenças e opiniões sobre sexualidade, gênero, raça, classe, paternidade-maternidade, família e afeto. Neste processo criativo, trocamos nossas impressões—que surgiram, em primeiro momento, das nossas distintas experiências vividas e das relações com a exposição e o território da Maré em si —, exercitamos a escuta e, principalmente, permitimo-nos ser atravessadas e inspiradas uma pela outra. Assim, a exposição *Maré de Dentro* segue executando seu papel primordial de unir olhares plurais sobre a complexidade do cotidiano e produzir incômodos, realocações e surpresas para a construção de novos imaginários sobre as pessoas, o mundo e as sociedades.

A exposição provoca tais mudanças de perspectiva, em parte, por meio do modo como ela se reapropria do modelo hegemônico e ocidental do retrato de família, baseado na família (nuclear) tradicional e de elite, com o objetivo de representar uma comunidade diversa e favelada.<sup>1</sup> As fotografias, ao retratar e evidenciar a heterogeneidade que existe no interior dessas casas, nos seus espaços privados, promove a aceitação da pluralidade “externa”, ou seja, nos espaços públicos. A exposição, assim, desestabiliza imagens e conceitos arraigados sobre o ser em sociedade, abrindo caminho para narrativas descolonizantes.

*Paulo e Matheus (Fig. 25)*

A fotografia de família de Paulo e Matheus convida a refletir sobre afeto masculino, homoafetividade e, principalmente,





25. Paulo Victor e Matheus Affonso. Nova Holanda, Complexo da Maré, 2018.

a desconstrução de estigmas sobre demonstrações do afeto nas relações. É sabido que, ao longo da história da humanidade, as evidências de relações homoafetivas e homossexuais sempre existiram. No entanto, a cultura hegemônica calcada na ocidentalização cristã — que moralizou (e ainda moraliza) práticas sexuais e de afeto — impediu incisivamente que tais imagens circulassem

de forma ampla dentro da sociedade e foi paulatinamente agregando as referências de afeto entre pessoas do mesmo sexo à ideia de promiscuidade e de ausência de amor e respeito. Há uma escassez de apresentações de modelos e de representações sociais em que estas relações estejam baseadas nos mesmos parâmetros imagéticos de amor construído dentro das relações heterossexuais.



Essa foto incomoda e provoca a pensar sobre esse interior da casa em que a cumplicidade entre dois homens se traduz em cuidado e contato afetivo, produzindo imaginários que se amalgamam às memórias de nossos cuidados familiares. Quem cuida e limpa a casa? Quem prepara a mesa para comer e a comida? Quem mantém a organização financeira da casa? Com esses questionamentos, temos a possibilidade de dissolver conceitos hegemônicos atribuídos aos marcadores opressivos de gênero. Com essa imagem, podemos forjar novas realidades em que homens cuidam, são afetivos e preocupados, amam e demonstram esse amor e mantêm uma casa convertida em um lar.

Esse interior provoca fissuras na cristalização do arquétipo de homem em contextos de favela, contradizendo a lógica dominante das masculinidades, em que a ideia de agressividade está tão atrelada, sobretudo, às masculinidades negras. Ter um casal homoafetivo, com um dos protagonistas negro, é uma forma de reposicionar olhares também. Por fim, ter um casal jovem apresentando sua casa—que claramente nos informa sobre seus gostos e preferências pessoais, percebidos nos objetos em cena, na disposição dos elementos da foto, na pose escolhida e, principalmente, nos olhares assertivos—demonstra o quanto ter a chance de observar os interiores dessas histórias nos conduz a construir imaginários possíveis nos quais a diversidade vivida na sua plenitude seja inegociável.

*Eliane, Herbet, Adriel Oliveira e Pipoca (Fig. 26)*

Esse interior, em uma primeira olhada, já é suficiente para estabelecer uma conexão com diferentes grupos sociais ao longo de todo continente Americano. Ao fazer esta afirmação, refiro-me à capacidade tecnológica e ancestral dos povos subalternizados de reorganização, de sobrevivência e de manutenção cultural. As famílias entendidas hegemonicamente de forma nuclear e assimiladas com a lógica produtivista e individualista dos sistemas capitalistas e neoliberais são centradas e findadas em si mesmas e na lógica comercial do processo educativo infantil. Quando nos deparamos com um antigo provérbio africano que diz que “para se educar uma criança é preciso uma aldeia inteira”, vislumbramos uma contradição posta em disputa. Nos espaços populares que as classes pobres e racializadas ocupam de forma majoritária, nas favelas, as práticas ancestrais de alguma forma seguiram seu curso. Por exemplo, a ausência de projetos educacionais que priorizem a construção de escolas nestes territórios contribui para o fato de que mulheres que precisam trabalhar para sobreviver tenham que delegar o cuidado de seus filhos. Na maioria das vezes, esse cuidado é transferido para a figura da avó. Ou seja, uma outra mulher se torna responsável pelos cuidados das crianças da família, fomentando



**26. Eliane Antunes, Herbet Oliveira dos Santos e Adriel Oliveira dos Santos. Cachorro: Pipoca. Nova Holanda, Complexo da Maré, 2014.**

e naturalizando um ciclo de cuidado centrado nas experiências do ser mulher, principalmente mulheres negras.

Ao ressaltar esse ponto de observação, não estamos romantizando parâmetros endurecidos de gênero, tampouco a vivência, muitas vezes precarizadas, de mulheres negras que precisam trabalhar durante toda a vida e que seguem sendo alicerces imprescindíveis

para a manutenção familiar até mesmo na velhice. Aqui, nosso desejo é propor um olhar complementar. Esse interior e essa família representada por avó, netos e cachorro nos remete talvez a uma utopia: de que a vida com a maior quantidade de amor familiar e com encontros geracionais que contam histórias e mostram caminhos possam ser novamente pilares de formação para crianças do mundo todo.



27. Kelly Santos e Gael Aguiar. Nova Holanda, Complexo da Maré, 2018.

*Kelly e Gael (Fig. 27)*

Neste retrato, é possível sentirmos a força e o acolhimento de uma mãe. De frente para a câmera, Kelly põe um braço protetor sobre seu filho Gael, que a abraça com um conforto natural, mas com uma visível desconfiança da câmera. Ela deixa grande parte do espaço do sofá para seu filho, que está posicionado

no centro da fotografia, literalmente abrindo espaço para ele. Porém, ela não fica menor com esse movimento, pois sua linguagem corporal é ampla e aberta. Ela tem suas pernas graciosamente cruzadas para o lado e sua postura é de força e bela.

É importante afirmar isso porque há um senso comum nas representações das mães como mulheres passivas e subordinadas





28. Vera Marcelino. Parque Maré, Complexo da Maré, 2013.

dentro da estrutura familiar tradicional e heteronormativa. Por isso, esse retrato tem tanta força ao demonstrar a dignidade, o poder e a agência feminina, produzindo, também, uma contranarrativa sobre a redução de bairros populares, como favelas, à miséria e a ausências. Dentre muitos elementos presentes na imagem, atentamos para a luz suave, a

organização cuidadosa e o posicionamento dos móveis, que revelam um trabalho de beleza, uma estética afirmativa que fomenta essa contranarrativa.

A postura de Kelly nos lembra das tradições matriarcais ancestrais ainda presentes em muitas culturas não ocidentais que o eurocentrismo heteropatriarcal tentou

substituir.<sup>2</sup> Os quilombos, por exemplo, que são comunidades de ancestralidade africana forjadas em um contexto de sistema escravista, foram e seguem sendo comumente liderados por mulheres.<sup>3</sup> O que nos provoca a pensar que o ideal de um “lar chefiado por homens” é talvez, também, uma expressão de diferenças de classe, pois nas comunidades da classe trabalhadora, as mulheres sempre desempenharam um papel importante e ativo. Em um ambiente de precariedade e negligência governamental, as mulheres das favelas do Rio assumem posições de liderança e cuidado. A maternidade e a feminilidade, portanto, não são características que possam ser lidas como inferiores, pois certamente essas características são fonte e expressão do poder e da capacidade de cuidar não apenas de si mesmas, mas também do passado, presente e futuro de uma família e da comunidade.

### *Vera (Fig. 28)*

A criminalização das drogas no Brasil, processo pelo qual o uso de drogas passou a ser tratado como crime e não como problema de saúde pública, (re)produz a marginalização ao naturalizar a negligência governamental e a discriminação dos usuários de drogas, principalmente quando esses indivíduos são negros e pobres. O uso do crack foi a mais recente adição a esse panorama carioca,

chegando à cidade no início dos anos 2000. Seu uso e venda encontram expressão socioespacial em territórios estigmatizados chamados de “cracolândia” (em inglês “crackland”).<sup>4</sup>

A “cena do crack” que existe atualmente na Maré e que está retratada nessa fotografia também foi resultado imediato das Unidades de Polícia Pacificadora (capítulo 2), que expulsaram pessoas que usam crack e lutam contra a falta de moradia de outras comunidades pacificadas. A dinâmica existente no uso e na venda de drogas em uma cidade, inclusive no Rio, não é resultado apenas de decisões individuais. Estão vinculados a políticas públicas e condições estruturais

Nessa fotografia, os conceitos de casa, família e pertencimento assumem formas e significados além da estrutura física comum de uma casa ou apartamento. Nesse retrato de família, que assumimos subjetivamente e objetivamente como lar, conexões humanas significativas também são construídas em arranjos espaciais aparentemente efêmeros, sendo possível encontrar elementos comumente associados ao imaginário coletivo de uma sala de estar: pessoas estão sentadas juntas em sofás perto de uma mesa de centro com cadernos cheios de rabiscos e uma partida de jogo de cartas inacabada. Vera, de frente para a câmera, senta-se em postura relaxada com as pernas cruzadas, fumando um cigarro.

Como a maioria de nós quando estamos em casa, ela tirou um sapato, deixando seu pé descansar. Ela está em casa. No entanto, é visível que não há uma tentativa de romantizar essa “cena”, pois ela nos incomoda ao explicitar as relações provocadas pelas desigualdades estruturais ao transmitir o preconceito e o estigma vividos pelos indivíduos fotografados, que, no último minuto antes do clique, escondem seus rostos, abrindo inúmeras possibilidades de interpretação para tal atitude. Nesse sentido, essa fotografia nos toca pelo fato de se apegar às contradições e às disjunções da vida em tal “cena”.

### *Conclusão*

Os retratos apresentados neste capítulo demonstram que as favelas são espaços plurais, onde a diversidade do interior das casas reflete a diversidade de pessoas, constelações familiares e laços afetivos. Nisso, eles desafiam sua redução a um espaço “de exceção” -- de miséria, abjeção, desconexão, violência e criminalidade -- no qual tanto a repressão quanto a negligência estatal são normalizadas. A Maré surge, ao contrário, em toda a sua complexidade humana, como uma comunidade em que a vida continua mesmo diante da precariedade, da estigmatização e da marginalização.

# CAPÍTULO 5

## FAMÍLIA E AFETO NA EXIBIÇÃO

### *MARÉ DE DENTRO*

MOLLY F. TODD

Este capítulo é resultado de uma série de conversas entre Andreza Jorge, moradora da Maré, e eu, estudante estadunidense de doutorado e moradora de Blacksburg, Virgínia. Partindo dessas trocas, busco refletir sobre a vida familiar e a identidade na favela em relação às estruturas globais e sistêmicas de discriminação. A partir do meu lugar de fala, como alguém de fora que ainda não visitou a Maré, considero as minhas conversas com Andreza à luz de três retratos que fazem parte da exibição *Maré de Dentro*. Sugiro que, embora a exibição reflita histórias únicas e específicas de um lugar, ela também remete à diversidade de modelos e laços familiares, amorosos e afetivos que encontramos mundo afora. Nesse sentido, a diversidade da vida na Maré representada nessas fotografias não apenas contraria uma ideia singular de família, mas também desafia as subjetividades fixas que as sociedades brasileira e de outras partes

do mundo atribuem aos moradores de favela, que os reduzem a vítimas ou a agentes da violência. Tendo isso em vista, é importante destacar, também, que a interpretação que ofereço aqui exemplifica a capacidade da *Maré de Dentro* de romper com a construção simbólica de comunidades de favela enquanto alteridades radicais, com as quais cidadãos estadunidenses, como eu, não teriam nada em comum. Neste capítulo, demonstro esse potencial da exibição ao apontar para as experiências humanas e os sistemas de opressão que atravessam o Norte e o Sul das Américas, sem perder de vista o contexto e as especificidades de cada local.

O capítulo, primeiramente, analisa o retrato e a história de Andreza à luz da discriminação sistêmica. Em seguida, reflito sobre as diversas relações familiares e de gênero na Maré, lançando mão de duas fotografias adicionais que fazem parte da



**29. Andreza Jorge e Alice Odara, Nova Holanda, Complexo da Maré, 2016.**

exposição. Nas considerações finais, afirmo que a arte e a cultura são capazes de abrir nossa imaginação, desafiando estereótipos e visões homogeneizantes sobre a vida na favela.

### *Andreza e Alice (Fig. 29)*

O retrato de Andreza ilustra uma das muitas histórias de vida familiar na Maré. Andreza, sentada, amamenta sua filha, evidenciando tanto conforto quanto força e amor por ela. Apesar dessa fotografia ter sido tirada em

um lugar bastante específico, um cômodo na casa de Andreza, ela evoca uma história mais universal de família, pertencimento e lar. Ao retratar o amor de uma mãe e sua dignidade tranquila, a imagem diretamente desafia visões estereotipadas das favelas enquanto lugar do crime, do desespero e de vidas destruídas.

Esses estereótipos, pautados no racismo, no patriarcado e na heteronormatividade, produzem muitas injustiças. Por exemplo, em comparação com outras mulheres, as mulheres negras no Brasil e nas Américas em





30. Sofia Felicidade e Dona Maria. Parque Maré, Complexo da Maré, 2016.

geral sofrem desproporcionalmente a violência policial.<sup>1</sup> Durante nossas conversas, Andreza comentou como sua própria existência como mulher negra, latino-americana, brasileira e favelada articula posições sociais e identidades que, dentro do imaginário ocidentalizado dominante, produzem exclusões ao defini-la como “Outra”. Muitos moradores da Maré passam por tais processos de marginalização. Ao mesmo tempo, a história de Andreza demonstra que tais condições estruturais

não determinam a totalidade da vida dos moradores da favela. É nessa tensão, entre as condições de violência e negligência do Estado, por um lado, e a diversidade e dignidade de suas vidas, por outro, que os moradores da favela mobilizam sua comunidade e expressam suas capacidades como agentes de mudança, inclusive por meio da arte e de exposições como a *Maré de Dentro*.

A produção cultural e artística que surge nas favelas, como a que encontramos nessa

exibição, oferece uma perspectiva matizada e aprofundada da vida na favela que vai na contramão das representações hegemônicas.<sup>2</sup> Como exemplo, vale observar que o olhar determinado e inabalável de Andreza pode ser interpretado como representando não apenas uma jornada de luta, mas também de amor e realização. Durante nossas conversas, Andreza refletiu sobre suas experiências de vida, sobre como ela foi criada na Maré e se mudou para outra parte da região metropolitana do Rio depois de casar-se. Porém, logo após o nascimento de sua filha, Alice Odara, o casamento de Andreza acabou. Andreza, enfrentando a responsabilidade de cuidar sozinha de um bebê recém-nascido e de suas obrigações profissionais, decidiu voltar a morar mais perto de sua família na Maré e, felizmente, sua mãe e irmão a receberam de braços abertos. Ou seja, apesar de ela ter se mudado “para fora” da comunidade, seus laços afetivos familiares “dentro” da Maré foram mantidos. Seu retorno sugere que as favelas não são simplesmente lugares de onde se “escapa”, mas sim comunidades às quais os indivíduos podem recorrer para criar e sustentar suas famílias. A história de Andreza sugere, também, que as mulheres de favela seguem construindo famílias e carreiras, muitas vezes com a ajuda de familiares e amigos nas suas comunidades.

Duas outras fotos que fazem parte do acervo da exibição demonstram a diversidade das famílias na favela. Por exemplo, quando

Andreza passou um tempo na casa de seu irmão, ela reencontrou um de seus amigos, Henrique Gomes, com quem criou um vínculo forte e duradouro e acabou se casando. Sua união foi fruto não apenas do amor um pelo outro, mas também do que se tornou um amor compartilhado por Alice. A maneira como Henrique abraçou a paternidade, exemplo de laços familiares não biológicos, não apenas contesta o estereótipo do pai negro ausente, mas também lembra os visitantes da exposição que famílias ao redor do mundo são resultado de diversos tipos de vínculos afetivos e amorosos.

*Sofia e Dona Maria & Nelson com cachorro (Fig. 30 e 31)*

As duas imagens apresentam outros tipos de família e laços afetivos. Na foto à esquerda, podemos sentir o amor entre uma avó e uma neta. O sorriso da Dona Maria exala alegria, enquanto o abraço de sua neta Sofia sugere segurança, conforto e confiança. Ao nos convidar a prestar atenção nos laços familiares na Maré, essa imagem de afeto intergeracional contesta o espetáculo da violência e do medo nas favelas e sua redução à imoralidade e a “famílias desestruturadas”.<sup>3</sup> Pelo contrário, a fotografia aponta para como, nas favelas, membros da família extensa, muitas vezes, estão em relacionamento próximo uns com os outros. Além disso, a imagem da menina



31. Nelson Teixeira com cachorro. Parque Maré, Complexo da Maré, 2016.

com a avó em uma sala decorada com flores e cores vibrantes evoca um futuro com muitos horizontes possíveis. Seu abraço sugere apoio e carinho mútuos, enquanto as borboletas no espelho podem ser lidas como símbolos de esperança, resistência e liberdade. Melhor dizendo, a Maré, como qualquer comunidade humana, é também lugar de esperança e que promete a seus moradores a oportunidade de realizar seus sonhos.

Por fim, o retrato do homem com seu

cachorro demonstra que o afeto não se limita apenas às relações entre seres humanos. Na fotografia, Nelson segura seu cachorro perto do coração e sua expressão facial repassa um tipo de orgulho que, tradicionalmente, não é associado com o sexo masculino. Ao contrário das representações hegemônicas, há gentileza nessa cena, ressaltada pelas paredes cor de azul-petróleo e pela sutil iluminação ao redor do que parece ser um memorial. A cena nos lembra que a masculinidade também pode ser

sensível e questiona a imagem estereotipada dos homens da favela, como violentos ou criminosos. De forma mais geral, a imagem desafia o sistema patriarcal e sua concepção estática de gênero. Essa e outras fotografias da exposição salientam a diversidade de indivíduos e constelações familiares na Maré, uma característica que encontramos em comunidades de todos os cantos do mundo.

Em resumo, pode-se dizer que a heterogeneidade e a complexidade da vida familiar representada na exibição *Maré de Dentro* desafia uma noção única e homogeneizante de família e quebra a ideia de que as favelas são lugares onde a vida é vazia

e as estruturas familiares são fragmentadas. Os retratos e as narrativas da exibição revelam uma comunidade heterogênea, trazendo à memória de seus visitantes a diversidade e complexidade de suas próprias famílias. Essas imagens também provocam o visitante a considerar como e por que sua posição de classe, sua cor ou raça e sua identidade de gênero podem influenciar sua perspectiva de vida e sobre família. Em síntese, a exibição leva o visitante ao encontro com a Maré em vários níveis da imaginação, evidenciando os caminhos e as possibilidades do amor, da família e da esperança.

# CAPÍTULO 6

## A CONSTRUÇÃO DA VERDADE, DO SENTIDO E DE NOVAS POSSIBILIDADES

MAX O. STEPHENSON JR.

Este volume e a exibição *Maré de Dentro* desafiam aqueles indivíduos que aceitaram uma visão simplista das favelas enquanto uniformemente problemáticas, pobres e perigosas. Ambos os convidam a reconsiderar seus olhares sobre essas comunidades e a imaginar uma nova ordem, que honre a dignidade e a diversidade dos indivíduos e famílias que vivem em favelas. Nesse sentido, podemos compreender tanto a exposição quanto este livro a partir das formulações de Lícia do Prado Valladares, quando afirma que as representações históricas, sociais e acadêmicas dessas comunidades têm sistematicamente reduzido as favelas a uma categoria homogênea, por meio de três narrativas:

A primeira é a da especificidade: a favela é um lugar diferente do resto da cidade. A segunda é que a

favela é o loco urbano da pobreza. A terceira é a da unidade: unidade entre favelas, unidade dentro da favela.<sup>1</sup>

Ou seja, pesquisadores e cidadãos têm-se mostrado dispostos a tratar esses bairros e populações de forma estereotipada, adotando perspectivas e descrições que ofuscam sua vitalidade e diversidade. Há muito tempo que as favelas são retratadas como espaços uniformes e da exclusão, ao invés de serem reconhecidas como partes complexas da sociedade. Como sugere Valladares, a submissão das comunidades de favelas a um processo de categorização redutiva, que as abstrai e as desvincula de seus contextos imediatos, também tem sido prática do governo brasileiro.<sup>2</sup> Assim, deparamo-nos com a seguinte questão: o que seria necessário para desafiar essas narrativas prevalentes e opressivas, e para que as pessoas “de fora”





32. Duas mulheres durante um jogo da Copa do Mundo no Brasil. Nova Holanda, Complexo da Maré, 2014.

dessas comunidades adotem olhares mais embasados na realidade da vida cotidiana nesses bairros? É justamente esse potencial que a exibição visa promover.

No entanto, para transformar como tentamos conhecer a realidade, nunca é suficiente simplesmente apresentar novas informações, como se elas fossem capazes de, por si só, magicamente levar a uma transformação social. Longe disso, a criação do sentido é certamente um processo difícil,

pois exige mudanças nos valores e normas, muitas vezes inconscientes, que o orientam. Portanto, essas mudanças só podem ocorrer por meio de uma reimaginação mais profunda do fato em questão. Há alguns anos, o poeta Gregory Orr observou que o poder da poesia lírica se encontra na sua capacidade de abrir possibilidades até então inimagináveis. Para tal fim, seria preciso primeiro reconhecer e imaginar a experiência vivida, para depois empregar a poesia como forma de construir



a ordem em um mundo desordenado. Ele sugere que os seres humanos têm um desejo profundo de ordem, e essa busca por ordem é normalmente garantida por meio da construção e aceitação de uma narrativa compartilhada:

O fato de a desordem ser insuportável nos leva a uma segunda compreensão: cada um de nós precisa de um senso de ordem, um sentimento de que certos padrões ou princípios duradouros atuam em nossas vidas. Embora a tolerância à desordem varie de indivíduo para indivíduo, ninguém é capaz de viver em um mundo totalmente imprevisível. (...) Ser humano é ter um profundo desejo de ordem.<sup>3</sup>

É importante ressaltar que, como enfatiza Orr, exercitamos a imaginação na tentativa de entender o mundo que nos rodeia. No momento em que passamos pela porta de nossas casas, deixando para trás o que nos é familiar, e nos deparamos com um mundo imprevisivelmente caótico, são as histórias que carregamos conosco que nos ajudam a compreender e lidar com esse mundo. Porém, primeiro é necessário reconhecermos a desordem que enfrentamos, ou, como escreve Orr: “É o ato inicial de render-se à desordem que permite que a imaginação afirme seu poder de criação de ordem”.<sup>4</sup>

Desse modo, a lição que Orr nos oferece ao refletirmos sobre as fotografias e vídeos que compõem a exibição, é que suas imagens do cotidiano de quem vive na Maré exigem uma quebra com os estereótipos binários e banais que ainda definem essa população como Outro e, portanto, como à parte da sociedade. Indo na contramão dessas narrativas, aqui temos fotos de pessoas celebrando seu time favorito de futebol (veja Figura 32); crianças, como todas as crianças costumam fazer, encontrando uma maneira de transformar um acontecimento imprevisível (neste caso, uma árvore caída) em um espaço de possibilidades e brincadeiras (veja Figura 33); e de famílias em casa, jantando, assistindo televisão ou conversando. Também temos aqui imagens de moradores reunidos, talvez tanto por curiosidade quanto por medo, para observar os militares que invadiram sua comunidade (veja Figura 34). E encontramos também a fotografia de uma mulher cuidando da filha de sua vizinha para que ela possa ir trabalhar; o que Andreza Jorge e Desiree Poets, em outro capítulo desta coletânea, chamam de “tecnologia social” de autoajuda comunitária e assistência mútua (veja Figura 35). Com efeito, esta exibição e suas imagens poderosas nos compelem a reconhecer a narrativa simplista imposta sobre essa população e a imaginar a dissolução e reconstrução dessa visão.



33. Crianças brincando em uma árvore caída após uma tempestade. Nova Holanda, Complexo da Maré, 2016.



**34. Moradores assistem à atuação das Forças Armadas Brasileiras durante a Ocupação Parque Rubens Vaz community, Complexo da Maré, 2014.**

Em outras palavras, apesar das imposições e contradições de uma sociedade opressora, as fotografias apresentam um bairro caracterizado pela heterogeneidade, onde observamos tanto fragilidade e medo quanto determinação e coragem. Do mesmo modo, elas são homenagem a uma comunidade humana global com mais questões em comum do que opostas. Ao fazer isso, a exibição revela a energia criadora da Maré e refuta a

visão dominante sobre seus moradores. Nesse sentido, como argumenta Marcuse sobre o potencial da arte de forma mais geral:

(...) A arte faz inevitavelmente parte do que existe e só como parte do que existe fala contra o que existe. Esta contradição é preservada e resolvida (aufgehoben) na forma estética, que dá ao conteúdo familiar e à experiência familiar o poder de afastamento – e



que leva ao aparecimento de uma nova consciência e de uma nova percepção.<sup>5</sup>

Por fim, pode-se dizer que esta exposição exige uma reimaginação das narrativas injustas e equivocadas sobre a favela e as vidas de seus moradores. Ela convida seus visitantes a entrarem no espaço da desordem de Orr, onde podem reconsiderar as visões e os valores prevalecentes e construir uma nova ordem, um novo modelo de sociedade.

Embora nenhuma arte ou exibição sozinha possa garantir a realização completa desse potencial — que Paulo Freire chamou de conscientização —, observamos o poder de transformação social da *Maré de Dentro* na sua representação de um cotidiano que desafia estereótipos e narrativas dominantes.<sup>6</sup> Essa contestação da realidade é certamente marcusiana em seu alcance, força e dinâmica. Cabe ressaltar também que a exibição nos lembra da importância de levar o dia a dia de indivíduos e comunidades a sério. Nesse sentido, o filósofo francês Michel de Certeau nota a enorme importância de observar o que ele batizou de *A Invenção do Cotidiano*, a fim de captar os ritmos diários das comunidades e de detectar as maneiras como seus membros lidam com a injustiça e a opressão.<sup>7</sup> ARefletindo sobre o papel do design na vida cotidiana, Andrew Blauvelt ratifica a relevância das ideias de Certeau:

As investigações de Certeau no domínio das práticas rotineiras, ou as ‘artes de fazer’, como andar, falar, ler, morar e cozinhar, foram guiadas por sua crença de que, apesar dos aspectos repressivos da sociedade moderna, pessoas comuns resistem de forma criativa a essas estruturas... nessa batalha entre repressão e expressão, de Certeau delineou uma distinção crítica entre estratégias e táticas. Segundo ele, estratégias pertencem a quem está dentro das estruturas de poder das organizações, sejam elas pequenas ou grandes, como o Estado ou o município, a empresa ou o proprietário, o empreendimento científico ou o cientista. (...) As táticas, por outro lado, são empregadas por aqueles que são subjugados. Pela sua própria natureza, táticas são defensivas e oportunistas, utilizadas de forma mais limitada e momentânea nos espaços tanto físicos quanto psicológicos, produzidos e regidos por relações estratégicas mais poderosas.<sup>8</sup>

As fotografias e vídeos que compõem esta exibição retratam uma sociedade complexa, cujas realidades vividas, como avalia Certeau, são resultado não apenas de uma autodefesa contra os estereótipos e a opressão, mas também do poder de criação de uma comunidade vibrante, determinada e diversa. As imagens da exposição documentam o dia a dia dos moradores da Maré e, dessa



35. Uma mulher cuida da filha da sua vizinha. Muitos residentes contam com essa forma de apoio mútuo em suas vidas diárias. Parque Maré community, Complexo da Maré, 2016.

forma, incentivam a construção de uma nova visão sobre essa população e sobre o caráter de sua comunidade. Seguindo ainda a linha de pensamento de Marcuse, a arte aqui questiona falsas dicotomias, narrativas e imaginários e, em seu lugar, apresenta uma população com uma diversidade de propósitos e possibilidades.

Em um sentido muito real, a *Maré de Dentro* nos instiga a confrontar a realidade por meio da nossa capacidade de imaginação e a começar o processo de improvisar — parte integrante da imaginação — uma nova narrativa, fundada na verdade e no potencial que encontramos na exibição. Para tal fim, a exposição pede de seus visitantes e observadores que produzam significados e sentidos *com* as pessoas cujas vidas estão parcialmente retratadas nas fotografias. Ela pede também que, nesse processo, reconsiderem suas suposições sobre os moradores de favela. Em resumo, a arte aqui em exibição traz consigo a possibilidade de criar novos significados e de transformar as condições de vida e, assim, abrir caminhos para a realização da justiça social.

.



# CONCLUSÃO: SOBRE A LUTA PELA LIBERDADE E DIGNIDADE

MAX O. STEPHENSON JR.

Ao mesmo tempo que este volume e a exposição que o acompanha enfatizam a vibração e esperança presentes na Maré, eles também abordam pelo menos três temas principais, cada um deles profundamente enraizado na condição humana e em sua capacidade ou falta de imaginação. Em primeiro lugar, como descreveremos brevemente a seguir e conforme tratamos mais detalhadamente no capítulo 1, a maioria dos primeiros moradores das favelas do Rio eram homens e mulheres recém-libertos. A abolição da escravidão não acabou com a discriminação contra essa população e os custos sociais, políticos e econômicos dessa realidade são enormes.

Em segundo lugar, observa-se que, após mais de 350 anos de escravidão, a aceleração do ritmo da neoliberalização a nível global nos últimos anos de fato exacerbou a discriminação e a opressão contra

os moradores de favela. Em um contexto de insegurança generalizada por conta das recorrentes crises do mercado, a população negra e pobre tem também servido de bode expiatório para as ansiedades geradas pela globalização. Os custos desse processo, como destacamos no capítulo 2, costumam ser altos.

Terceiro, ainda que esses processos históricos prejudiquem a materialização da democracia e da igualdade nas favelas, esta exibição demonstra que os moradores da Maré não sucumbiram à tirania social e à falta de imaginação contidas em tais processos. Ao contrário, eles seguiram vivendo suas vidas, criando e educando seus filhos e desenvolvendo suas profissões, mesmo quando se viam forçados a defender sua igualdade e seus direitos perante o governo e a sociedade brasileira. Os capítulos 4 ao 6 ilustram esse ponto repetidamente. Destacamos aqui, como exemplo também, a descrição que

Henrique Gomes oferece no capítulo 3, sobre como Dona Tânia e Luiz Carlos, mesmo sob circunstâncias evidentemente difíceis, decoraram sua casa com objetos de arte e com muito carinho e cuidado.

Em última análise, a *Maré de Dentro* conta uma história de profunda dignidade e humanidade. Os moradores da Maré buscam nada mais, e certamente nada menos, do que seu direito à liberdade e à igualdade. Resta ver, no entanto, se seus esforços e os dos seus muitos apoiadores serão suficientes para quebrar a inércia da ansiedade e do ódio pautados no medo da diferença. Uma coisa parece certa: a vontade coletiva dos moradores da Maré de sobreviver e ocupar o lugar que lhes pertence é invencível e permanecerá presente. Esta exposição e este livro são testemunhos desse fato, além de serem também prova da imaginação e da coragem moral da população que retratam.

### *Uma população emancipada?*

Como descrito no capítulo 1 deste volume, as favelas cariocas foram inicialmente formadas por recém-libertos no início da década de 1890, logo após o fim formal da escravidão no Brasil, em 1888. Em um processo que deu continuidade às hierarquias sociais e econômicas estabelecidas durante mais de três séculos e meio de escravidão, as favelas e seus moradores passaram a ser considerados

comunidades do vício, da imoralidade e da vadiagem por grande parte da sociedade brasileira. Essas atitudes sociais moralmente vazias e descaradamente cruéis desencadearam grande parte da opressão e da discriminação racista que os cidadãos moradores da Maré continuam a enfrentar de forma estrutural. Esse comportamento, longe de ser característica exclusiva da sociedade brasileira, é endêmico da história da humanidade. Porém, uma consequência da persistência do racismo, originalmente concebido para “justificar” a escravidão, é que a elite política e econômica brasileira não assume sua responsabilidade pelas atuais condições enfrentadas pela população negra e pobre do Brasil.

Embora as concepções modernas de democracia, direitos humanos e dever moral exijam, em princípio, um reconhecimento absoluto da dignidade e igualdade política de todos os seres humanos, muitos brasileiros, com base em uma noção da “alteridade” cujas raízes remontam aos dias da escravidão, frequentemente, negam tais direitos fundamentais aos moradores de favela. Os retratos e fotografias desta exibição revelam o vazio de tal conduta e salientam, com isso, sua falência ética. Como escreveu o sociólogo polonês Zygmunt Bauman:

Ter moral significa, em suma, saber a diferença entre o bem e o mal e onde

traçar a linha que os separa -- bem como ser capaz de distinguir um do outro ao vê-los em ação ou ao se cogitar consumá-los. Por extensão, também significa reconhecer a própria (...) responsabilidade de promover o bem e resistir ao mal. Em outras palavras: o que é total e incondicionalmente estranho à qualidade de 'ser moral', e o que a impede, é a tendência de suspender o senso de responsabilidade para com outros na fronteira traçada entre 'nós' e 'eles'.”<sup>1</sup>

A *Maré de Dentro* apela a toda a sociedade brasileira para que reconheça, de uma vez por todas, os direitos de uma parte importante da população. A exibição, de fato, expande e aprofunda esse apelo ao exigir o mesmo de toda a humanidade, ou seja, de qualquer pessoa que se depare com as fotografias, os filmes e os retratos, independentemente de sua origem.

### *Uma era de globalização, mercantilização e ansiedade generalizada*

A ampla adoção do neoliberalismo como filosofia pública em meio à aceleração da globalização, desde o final do século XX, gerou novos ciclos de discriminação e desigualdade nas favelas do Rio. Após a Ditadura Militar, o Brasil adotou uma concepção neoliberal de Estado que deixa os indivíduos profundamente vulneráveis e cada vez mais sozinhos para enfrentar os caprichos do capital. De modo perverso, os moradores das

favelas têm sido duplamente atingidos pelos efeitos da globalização nas últimas décadas e, em especial, no contexto de preparação para os megaeventos esportivos de 2014 e 2016. Como outros autores apontam, o governo do Rio adotou um modelo de governança urbana empreendedorista nesse período, implementando projetos de revitalização urbana pautados em parcerias público-privadas, como o Porto Maravilha, na área portuária, e investimentos em infraestrutura de transporte e saneamento, entre outros, que aprofundaram as desigualdades socioespaciais do Rio.<sup>2</sup> Esses projetos levaram, por exemplo, à gentrificação e a uma maior concentração de serviços nos bairros nobres da cidade. As Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), cujo projeto combina a força militar e policial com programas pedagógicos, foram elemento central desse processo, exercendo o papel de comunicar ao mundo que os investimentos e os turistas estrangeiros estariam “seguros” na cidade e de disciplinar os moradores de favela com o objetivo de transformá-los em sujeitos neoliberais.<sup>3</sup> A militarização descrita no capítulo 2, cujo alvo principal são as favelas do Rio, também pode ser entendida como uma forma de governo dos pobres para a garantia da urbanização neoliberal.<sup>4</sup>

Em uma perspectiva mais ampla, o neoliberalismo também gera ansiedade na sociedade brasileira em geral, na medida em que o aumento da competição diminuiu os salários e

afetou negativamente as taxas de emprego. Esse cenário agravou-se com as recessões e as crises econômicas enfrentadas pelo Brasil e pela cidade do Rio desde a realização da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016. Nesse contexto, o racismo foi atualizado, reproduzindo-se, por exemplo, a prática de transformar os moradores de favela em bode expiatório para os desafios sociais e econômicos que outros brasileiros enfrentam. Ainda de acordo com Bauman:

O sentido generalizado de insegurança existencial é um fato categórico, uma genuína desgraça da nossa sociedade, que se orgulha, pela boca de seus líderes políticos, da progressiva desregulamentação dos mercados de trabalho e da ‘flexibilização’ da mão de obra e assim, por conseguinte, reconhecida por propagar crescente fragilidade das posições sociais e das identidades socialmente reconhecidas — e pela expansão incontrolável das fileiras do precariado.<sup>5</sup>

### *Dignidade e liberdade apesar da persistente adversidade*

Os residentes da Maré nunca aceitaram sua marginalização social e política, forjada nas construções racializadas da “alteridade” e do medo que, por sua vez, servem de justificativa para o processo de militarização da cidade do Rio de Janeiro. Desde a formação da Maré,

seus moradores têm se organizado para garantir os seus direitos, tal como a oferta e o funcionamento adequado de serviços públicos no território da comunidade. Ou seja, os moradores da Maré não só sempre insistiram em protestar contra as injustiças que enfrentam, mas também desenvolveram esforços coletivos e individuais para atender às demandas locais. Desta forma, eles são agentes políticos individuais e coletivos e exigem serem conhecidos como tais pela sociedade brasileira. Paralelamente, suas iniciativas garantem diversos tipos de serviços à comunidade.

Como ilustram muitas das fotos e retratos desta exibição, essa população nunca perdeu a esperança ou seu senso de propósito. Como nota Spinoza: “A emoção que é sofrimento deixa de ser sofrimento no momento em que dela formamos uma ideia clara e nítida”.<sup>6</sup> Uma das maneiras pelas quais os moradores da Maré desenvolveram um propósito coletivo foi ao confrontarem a discriminação e a injustiça diárias. Nesse sentido, a exposição *Maré de Dentro* demonstra que o propósito dá sentido à vida. Mesmo em contextos de injustiça, os seres humanos encontram razões para viver e formas de exigir que os outros reconheçam sua existência. Como escreve Victor Frankl, ao recontar suas conversas com outros prisioneiros sobre o sofrimento que compartilhavam no campo de concentração em Auschwitz:

Pedi àqueles que há tempo me escutavam na escuridão total do barracão, que olhassem de frente para a situação em que estávamos, por mais difícil que ela fosse, e não desesperassem, mas recobrassem o ânimo, cientes de que, mesmo perdida, a nossa luta, nossos esforços não perderiam seu sentido e dignidade.<sup>7</sup>

Fazemos referência ao trabalho de Frankl não com o intuito de comparar as favelas aos campos de concentração, mas para enfatizar que, em contextos de precariedade e violência, as pessoas sempre encontraram maneiras de construir sentidos e afirmar a vida. De fato, pode-se argumentar que esta exibição destaca as várias maneiras pelas quais os moradores da Maré se engajaram em tal processo de construção de sentidos e afirmação da vida em

meio à opressão social e econômica.

Em suma, embora os preconceitos de cor, classe e local de residência continuem a marcar a vida dos moradores da Maré, isso não tem absolutamente nada a ver com o fato de sua humanidade, nem com o significado e sentido de suas lutas por direitos e pela liberdade. Ninguém pode negar esse propósito a outro ser humano, e o propósito dos moradores de favelas como a Maré é especialmente importante e inspirador. Esperamos que este volume e a exibição que o acompanha comuniquem um pouco dessa realidade complexa que muito nos diz sobre como a liberdade e a capacidade de imaginar e construir possibilidades políticas são inerentes ao ser humano.





# POSFÁCIO

Este livro buscou ser acessível a três públicos distintos. Em primeiro lugar, aos que pesquisam e estudam as favelas e comunidades marginalizadas, pois a metodologia que desenvolvemos oferece uma proposta de análise capaz de desafiar as hierarquias existentes na academia, que prezam por elevar a produção acadêmica em detrimento de conhecimentos plurais, oriundos de diversos espaços e grupos sociais.<sup>1</sup>

Em cada etapa, dedicamo-nos à horizontalidade, responsabilidade e autorreflexão, ou seja, ao *processo* de colaboração e escrita, rejeitando, dessa forma, um método focado apenas em resultados pré-determinados. Apesar desse processo ter sido marcado por conflitos e divergências pontuais, o diálogo sobre eventuais diferenças de opinião e perspectiva nos ofereceu inúmeras oportunidades de aprendizado. Nossa esperança é que outros pesquisadores, ativistas e artistas sintam-se inspirados a desenvolverem metodologias similares em outros contextos.

O segundo público para o qual escrevemos esta coletânea são aqueles que estão aprendendo sobre as favelas do Rio pela primeira vez e que tenham, talvez, pouco conhecimento do Brasil e de suas relações

sociais e políticas. Por meio das fotografias da *Maré de Dentro* e de capítulos curtos e acessíveis, buscamos expandir a compreensão desse público sobre essas comunidades, apontando como são complexas e diversas. Também visamos demonstrar como a mídia hegemônica distorce o senso comum sobre essas comunidades, incentivando e justificando políticas públicas excessivamente punitivas. Por fim, nossa esperança é instigar cidadãos dos Estados Unidos e de outros países do Norte global a reconhecer a maneira como representações igualmente pejorativas afetam comunidades marginalizadas em suas respectivas sociedades.

O terceiro público que tínhamos em mente ao escrever este livro foram os próprios moradores da Maré. Traduzimos cada capítulo para o português para que tanto as famílias que participaram do projeto quanto o restante da comunidade da Maré tenham acesso aos seus resultados. Esperamos que a perspectiva em exibição neste volume e a visibilidade conferida às histórias, lutas, experiências e também ao conhecimento e poder artístico dos moradores da Maré possam ser fonte de orgulho e validação para eles. Os capítulos históricos e analíticos também foram pensados com o objetivo de

complementar, apoiar e incentivar os projetos de construção de comunidade e os debates sobre memória coletiva já existentes na Maré, ou seja, esperamos que este livro possa servir de apoio às lutas dos moradores da Maré por mudanças estruturais, e que ele sirva como reconhecimento de seu trabalho político e sua produção artística, capazes de criar um mundo mais justo Brasil afora.

Nos próximos anos, a *Maré de Dentro* continuará a viajar para outros espaços nos Estados Unidos e na Europa, influenciando mais públicos no Norte global. Para concluir o tour global da *Maré de Dentro*, planejamos retornar à Maré e apresentar a exposição em um dos vários espaços públicos no Complexo. Posteriormente, entregaremos os retratos às várias famílias que participaram do projeto e encontraremos um lar permanente para o restante das fotografias em uma instituição local.

Por fim, gostaríamos de frisar o quanto este projeto foi transformador para muitos de nós. De maneiras distintas, mas relacionadas, fomos instigados a questionar várias de nossas suposições sobre a pesquisa acadêmica, o envolvimento com o público e o papel das artes na mudança social e política. Posto isso, depois de quase uma década de colaboração e de inúmeras interações com públicos nos Estados Unidos, ficamos ainda mais convencidos da necessidade desse projeto e de seus objetivos diretamente interligados e que incluem desafiar as narrativas estigmatizantes e racistas sobre as favelas, transformar a academia através da criação de relações mais horizontais entre as comunidades de favela do Rio e instituições acadêmicas no Norte global e desenvolver novas estratégias culturais para a superação das desigualdades e exclusões que estruturam a sociedade brasileira.

# REFERÊNCIAS

## INTRODUÇÃO

- 1 Jesus, Diego (Direção). *Ocupação*. Escola de Cinema Olhares da Maré, 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kZ9quSHhTeo>
- 2 Kirschenbaum, Jill (Produção). A Girl's Life [A vida de uma menina]. The Wall Street Journal, 25 de novembro de 2015. Disponível em <https://www.wsj.com/video/girl-life-maria-luiza-santos-15-rio-de-janeiro/3AE8DA1F-3134-4FBA-9B9E-953DFEC6D168.html>
- 3 Guardian Music. *Metanóia church: where heavy metal is a form of worship* [Igreja Metanóia: onde o heavy metal é um tipo de culto] [vídeo]. YouTube, 22 de janeiro de 2016. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=\\_HS7MDPsdu8&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=_HS7MDPsdu8&feature=emb_logo)
- 2 Perlman, Janice E. *Favela: Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro* [Favela: quatro décadas de transformações no Rio de Janeiro]. Oxford University Press, 2010, p. 25.
- 3 Chalhoub, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e Epidemias Na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996, pp. 15–20; Fischer, Brodwyn. *A Poverty of Rights: Citizenship and Inequality in Twentieth-Century Rio de Janeiro* [Uma Pobreza de Direitos: Cidadania e desigualdade no Rio de Janeiro do século XX]. Stanford, CA: Stanford University Press, 2008, p. 33; Vaz, Lillian Fessler. *História Dos Bairros Da Maré: Espaço, Tempo e Vida Cotidiana No Complexo Da Maré*. Rio de Janeiro: Federal University of Rio de Janeiro, 1994, p. 59.
- 4 Voyages Database. *Voyages: The Trans-Atlantic Slave Trade Database* [Travessias: Banco de Dados sobre o Comércio Transatlântico de Escravos] 2016. Disponível em <https://www.slavevoyages.org>

## CAPÍTULO 1

- 1 Instituto Pereira Passos. *Limites de Favelas e Urbanização* [Banco de dados]. 2018. Disponível em <https://www.data.rio/datasets/limites-de-favelas-e-urbanizacao>
- 5 Fischer, 2008, pp. 223–224.
- 6 Penglase, Benjamin. *Living with Insecurity*

- in a Brazilian Favela: Urban Violence and Daily Life* [Vivendo com a Insegurança em uma Favela Brasileira: Violência Urbana e Vida Cotidiana]. Rutgers University Press, 2014.
- 7 Carvalho, Bruno. *Porous City: A Cultural History of Rio de Janeiro* [Cidade Porosa: História cultural do Rio de Janeiro]. Liverpool University Press, 2013.
  - 8 Santos, Carlos Ferreira dos. *O Morro Do Timbau*. Niterói: Federal Fluminense University, 1983.
  - 9 Santo, Andréia Martins de Oliveira, et al. “Contextualizando a Maré,” em *Vivências Educativas na Maré: Desafios e Possibilidades*, organização Andréia Martins de Oliveira Santo e Eliana Sousa Silva. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2013, p. 21; Santos, 1983, p. 44.
  - 10 Ribeiro da Silva, Claudia Rose. *Maré: A Invenção de Um Bairro*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
  - 11 Vaz, 1994, p. 158.
  - 12 “Um Presidente Solitário” *União Da Maré*, vol. 1, no. 2, 1980, p. 3.
  - 13 Ribeiro da Silva, 2006, p. 103.
  - 14 Vieira, Antônio Carlos Pinto. *Histórico da Maré*. CEASM, 1998, p. 72.
  - 15 Jones, Claire. “História Do ‘Projeto Rio’ Na Maré Parte 1: O Canto Da Sereia”. *Rio on Watch*. 16 de julho, 2017. Disponível em <https://rioonwatch.org.br/?p=26789>
  - 16 Jones, Claire. “História Do ‘Projeto Rio’ Na Maré Parte 2: Aliados Juntem-Se à Luta”. *Rio on Watch*. 5 de setembro, 2017. Disponível em <https://rioonwatch.org.br/?p=26952>
  - 17 Jones, Claire. “História Do ‘Projeto Rio’ Na Maré Parte 3: Desagregação Do Governo”. *Rio on Watch*. 20 de setembro, 2017. Disponível em <https://rioonwatch.org.br/?p=2818>

## CAPÍTULO 2

- 1 Holloway, Thomas. H. *Policing Rio de Janeiro: Repression and Resistance in a 19th-century City* [Policinando o Rio de Janeiro: Repressão e Resistência em uma Cidade do Século XIX]. Stanford: Stanford University Press, 1993.
- 2 Penglase, Benjamin. “The Bastard Child of the Dictatorship.” [“O filho bastardo da ditadura”]. *Luso-Brazilian Review*, 45(1), 118–145, 2008, p. 130.
- 3 Franco, Marielle. “UPP – A redução da favela a três letras: Uma análise da política de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro”. Tese de mestrado: Universidade



- Federal Fluminense, 2014. Disponível em <https://app.uff.br/riuff/handle/1/2166>;
- Leeds, Elizabeth. “Cocaine and Parallel Politics in the Brazilian Urban Periphery: Constraints on Local-Level Democratization” [“A cocaína e o poder paralelo na periferia urbana brasileira: Limites à democratização a nível local”]. *Latin American Research Review*, 31(3), 1996, p. 66.
- 4 Misse, Michel. *Malandros, Marginais e Vagabundos & a acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. Doctoral Dissertation: Instituto Universitário Tese de doutorado: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1999. Disponível em [http://www.uece.br/labvida/dmdocuments/malandros\\_marginais\\_e\\_vagabundos\\_michel\\_misse.pdf](http://www.uece.br/labvida/dmdocuments/malandros_marginais_e_vagabundos_michel_misse.pdf)
  - 5 Amorim, Carlos. *Comando Vermelho, A História Secreta Do Crime Organizado*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
  - 6 Andreoni, Manuela e Londoño, Ernesto. “‘License to Kill’: Inside Rio’s Record Year of Police Killings” [“Licença para matar’: Por dentro do ano com os maiores recordes de mortes por policiais no Rio”]. *The New York Times*, 18 de maio de 2020. Disponível em <https://www.nytimes.com/2020/05/18/world/americas/brazil-rio-police-violence.html>.
  - 7 Fogo Cruzado, GENI-UFF, NEV-USP, Pista News e Disque Denúncia. “Mapa dos Grupos Armados do Rio de Janeiro.” Rio de Janeiro, 2020. Disponível em <https://nev.prp.usp.br/mapa-dos-grupos-armados-do-rio-de-janeiro/>.
  - 8 Tate, Julie, Jennifer Jenkins e Steven Rich. “Fatal Force” [“Força fatal”]. *The Washington Post*, 10 de agosto de 2020. Disponível em <https://www.washingtonpost.com/graphics/2019/national/police-shootings-2019/>
  - 9 Acebes, César Muñoz. “Good Cops Are Afraid”: The Toll of Unchecked Police Violence in Rio de Janeiro [“Bons policiais têm medo”: O preço da violência policial sem limites no Rio de Janeiro”. Nova York: Human Rights Watch, 2016. Disponível em <https://www.hrw.org/report/2016/07/07/good-cops-are-afraid/toll-unchecked-police-violence-rio-de-janeiro>
  - 10 Maia, Gustavo. “‘Os caras vão morrer na rua igual barata, pô,’ diz Bolsonaro sobre criminosos.” *O Globo*, 5 de agosto de 2019. Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/os-caras-va-morrer-na-rua-igual-barata-po-diz-bolsonaro-sobre-criminosos-23855554>
  - 11 “Está sendo destruída a Favelinha de Bon-sucesso.” *A Noite*, 4, 24 de novembro de

- 1947.; Vieira, 1998, p. 44
- 12 Santos, 1983, pp. 7–8.
  - 13 Ribeiro da Silva, 2006, pp. 190–192.
  - 14 Sousa Silva, Eliana. *Testemunhos da Maré* (2a edição). Rio de Janeiro: Mórula, 2015 [2012], p. 25.
  - 15 “Polícia Civil divulga lista de dez mortos em operação do Bope na Favela Nova Holanda.” *Extra*, 26 de junho de 2013. Disponível em <http://extra.globo.com/casos-de-policia/policia-civil-divulga-lista-de-dez-mortos-em-operacao-do-bope-na-favela-nova-holanda-8824548.html>
  - 16 Gomes, Marcelo. “Dilma autoriza Exército no Complexo da Maré no Rio”. *Exame*, 29 de março de 2014. Disponível em <https://exame.com/brasil/dilma-autoriza-exercito-no-complexo-da-mare-no-rio/>
  - 17 Jesus, Diego (Direção). *Ocupação*. Escola de Cinema Olhares da Maré, 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kZ9quSHhTeo>.
  - 18 Sousa Silva, Eliana. *A Ocupação da Maré pelo Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2017, p. 78
  - 19 Redes da Maré. *Direito à Segurança Pública na Maré*. Núm. 4. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2019. Disponível em [https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/BoletimSegPublica\\_2019.pdf](https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/BoletimSegPublica_2019.pdf)

## CAPÍTULO 4

- 1 Newhall, Beaumont. *The History of Photography [História da Fotografia]*. Nova York: Museum of Modern Art, 1982 [1937].
- 2 Simpson, Audra. “The state is a man: Theresa Spence, Loretta Saunders and the gender of settler sovereignty” [“O Estado é um homem: Theresa Spence, Loretta Saunders e o gênero da soberania colonial”]. *Theory & Event* 19(4), 2016.
- 3 Nunes, Georgina Helena Lima. “Lideranças Negras, Terra e Educação em Quilombos,” em *Pedagogias Populares e Epistemologias Feministas Latino-americanas*, organização Márcia Alves da Silva e Graziela Rinaldi da Rosa. Curitiba: Brazil Publishing, 2019, pp.139-154.
- 4 Rui, Taniele. “Por entre Territórios Visíveis e Territórios Invisibilizados: Mercados ilícitos e cracolândias de São Paulo e Rio

de Janeiro.” *Novos estudos CEBRAP* 38(3), 573–588, 2019.

## CAPÍTULO 5

- 1 Smith, Christen. “Lingering Trauma in Brazil: Police Violence against Black Women.” [“Trauma persistente no Brasil: violência policial contra mulheres negras”] *NACLA — Report on the Americas* 50(4), 369–377, 2018.
- 2 da Costa Bezerra, Kátia. *Postcards from Rio: Favelas and the Contested Geographies of Citizenship* [Cartões Postais do Rio: Favelas e as Geografias Contestadas da Cidadania]. New York: Fordham University Press, 2017.
- 3 Larkins, Erika Robb. *The Spectacular Favela: Violence in Modern Brazil*. [A Favela Espetacular: Violência no Brasil Moderno]. Berkeley: University of California Press, 2015.

## CAPÍTULO 6

- 1 Valladares, Licia do Prado. *The Invention of the Favela*. [A invenção da Favela]. Tradução de Robert N. Anderson. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2019, p. xv.
- 2 Valladares, 2019, p. 145.

3 Orr, Gregory. *Poetry as Survival*. [A Poesia como Meio de Sobrevivência]. Athens: University of Georgia Press, 2002, p. 16.

4 Orr, 2002, p. 47.

5 Marcuse, Herbert. *The Aesthetic Dimension*. [A Dimensão Estética] Boston: Beacon Press Books, 1978, p. 41.

6 Freire, Paulo. *Pedagogy of the Oppressed* [Pedagogia do Oprimido]. New York: Herder & Herder, 1970.

7 De Certeau, Michel, *The Practice of Everyday Life*. [A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer]. Tradução de Steven Rendall. Berkeley: University of California Press, 1984.

8 Blauvelt, Andrew, “Strangely Familiar: Design in Everyday Life,” [“Estranhamente familiar: Design e vida cotidiana”], em *Strangely Familiar: Design and Everyday Life* [Estranhamente Familiar: Design e Vida Cotidiana], organização Andrew Blauvelt. Mineápolis: Walker Art Center, 2003.

## CONCLUSÃO

- 1 Bauman, Zygmunt. *Strangers at our Door*. [Estranhos à Nossa Porta]. Cambridge, Reino Unido: Polity Press, 2016, pp. 82–83.

- 2 Santos Junior, Orlando Alves e Patrícia Ramos Novaes. “Impactos socioespaciais do experimento neoliberal na cidade do Rio de Janeiro no contexto dos Jogos Olímpicos de 2016,” em *Militarização no Rio de Janeiro: Da Pacificação à Intervenção*, organização Leite, Márcia Pereira, Lia de Mattos Rocha, Juliana Farias e Monique Batista Carvalho. Rio de Janeiro: Mórula, 17-38, 2018.
- 3 Harvey, David. *A Brief History of Neoliberalism* [Uma breve história do neoliberalismo]. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2007.
- 4 Leite, Márcia Pereira, Lia de Mattos Rocha, Juliana Farias e Monique Batista Carvalho. “Sobre os dispositivos de governo dos pobres em uma cidade militarizada,” em *Militarização no Rio de Janeiro: Da Pacificação à Intervenção*, organização Márcia Pereira Leite, Lia de Mattos Rocha, Juliana Farias e Monique Batista Carvalho. Rio de Janeiro: Mórula, 9-16, 2018.
- 5 Bauman, 2016, p. 29.
- 6 Spinoza, Benedictus de. *Ethics* [Ética]. Tradução de Robert Harvey Monro Elwes. Digireads.com Publishing, 2019, V.III.
- 7 Frankl, Viktor E. *Man’s Search for Meaning* [O Homem em Busca do Sentido]. Boston: Beacon Press, 2014 [1959], p. 78.

## POSFÁCIO

- 1 Nagar, Richa. “Storytelling and co-authorship in feminist alliance work: reflections from a journey” [“Contação de histórias e co-autoria como trabalho de aliança feminista: reflexões sobre uma jornada”]. *Gender, Place & Culture* 20(1): 1-18, 2013.

